



Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

mai-jun de 2013



O aparente silêncio das Escrituras



Como solucionar questões éticas e teológicas não abordadas explicitamente na Bíblia

Uma rocha no caminho de Moisés e Arão, p. 21

A psicologia dos mártires, p. 24



Simplemente confie!

Os pastores não são imunes à preocupação e ansiedade. Reuniões de comissão, membros insatisfeitos, finanças da igreja e família fazem parte da longa lista de causadores de preocupação.

A ciência confirma a ligação entre atitude mental e doença: “O estado psicológico de uma pessoa é importante fator de saúde.”¹ “Atitude, rede social e dieta saudável andam juntas na importância para saúde física e mental.”²

Atitudes como perdão, fé, otimismo, alegria e perseverança reduzem o estresse e, junto à confiança em Deus, estão associadas à diminuição dos riscos de doenças cardíacas, hipertensão, infecções e muitos outros males. Também reduzem a severidade da doença e aceleram a recuperação.³

Um permanente estado de ressentimento, hostilidade, desespero, mágoa e depressão aumenta o risco de infecções, condições inflamatórias, doenças, e retarda a recuperação delas.⁴ Todavia, uma atitude positiva, dieta e exercício, são importantes para se ter boa saúde.

Caso você esteja preocupado com muitos assuntos, pratique as seguintes sugestões que podem ajudá-lo a retomar a direção para o lado positivo da vida.

Sorria. O sorriso é gratuito, mas seus benefícios são inestimáveis. Ele reduz os hormônios do estresse no cérebro e pode fortalecer o sistema imunológico do corpo.

Agradeça. Pessoas que expressam gratidão tendem a viver mais e com saúde. Repetir mentalmente ou escrever uma lista de bênçãos diárias ajuda a proteger contra a depressão mental e males físicos.

Seja positivo. O hábito de ruminar continuamente eventos tristes ou pensamentos perturbadores está ligado a muitos tipos de depressão. Controla você sua atitude ou ela o controla? Concentre-se em soluções e oportunidades positivas, e contribuirá para diminuição dos pensamentos negativos.

Perdoe. Alimentar ira e ressentimento é prejudicial por aumentar os hormônios estressores, a pressão sanguínea e provocar outros males. Um ato pode não ser desculpável, mas é perdoável. O perdão nos liberta da

ira. O espírito saudável de perdão é um dom que Deus disponibiliza a todos quantos pedem.

Persevere. Pessoas bem-sucedidas não estão livres de erros, mas não desistem. Cada um de nós pode mudar, aprender e crescer. Persevere, apesar dos desafios e falhas. Inspire-se no sucesso de outros e aprenda da crítica. Construir uma atitude mais resistente, saudável, colocará de volta o óleo do entusiasmo na mecânica da vida.

Nutra o cérebro e o corpo. Nutrição e estilo de vida afetam poderosamente o funcionamento do cérebro, o humor, a memória e o aprendizado. Comer cereais, frutas e vegetais, castanhas e feijões tem efeitos duradouros no humor e na capacidade mental, não produzidos por lanches

fortuitos. Beber água em vez de bebidas cafeinadas e açucaradas melhora naturalmente a atenção. Repouso adequado é essencial para vencer a fadiga, irritabilidade e tentações. Exercício diário, especialmente sob o sol e ao ar livre, exerce maiores efeitos redutores

de estresse do que os poderosos antidepressivos.

Ajude. Ofereça ajuda a alguém. Dura menos de um minuto abrir uma porta, por exemplo, mas esse pequeno gesto de cortesia contribui para a saúde e livrar da depressão. Pesquisas demonstram que aqueles que gastam tempo regular ajudando a outros no trabalho aumenta a qualidade de vida.

Preocupação crônica, ansiedade e temor são opostos à confiança. Confiança em Deus é a mais potente arma contra problemas físicos e mentais. Como pastor, frequentemente você convida pessoas a depositar confiança em Deus. Ele estende o mesmo convite a você, diante dos desafios enfrentados diariamente: “Confie nEle em todos os momentos, ó povo; derrame diante dEle o coração, pois Ele é o nosso refúgio” (Sl 62:8). ▀

Referências:

¹ David Beaton, *Effects of Stress and Psychological Disorders on the Immune System*, www.personalityresearch.org/papers/beaton.html

² Kathryn O. Tacy, *ibid.*

³ *Ibid.*

⁴ Robert Ader, *Psychoneuroimmunology* (Burlington, MA: Elsevier Press, 2007), p. 766.

“Derrame diante dEle o coração, pois Ele é o nosso refúgio”

Editor:

Zinaldo A. Santos

Editor Associado:

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria:

Lenice F. Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Projeto Gráfico:

Marcos Santos

Fotos:

Capa - © Kevron2001 e

Rolling Spider TV | Fotolia

Editor - Daniel Oliveira

Autores - cortesia e *Ministry*

Colaboradores Especiais:

Carlos Hein; Rafael Rossi;

Jerry Page; Derek Morris

Colaboradores:

Antônio Moreira; Bolívar Alaña; Carlos

Sanchez; Daniel Marin; Edilson Valiante;

Eliézer Júnior; Eufracio Quispe; Geovane

Souza; Horácio Cayrus; Jair Garcia

Góis; Jeú Caetano; Jim Galvão; Leonino

Santiago; Salomón Arana.

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaeministerio

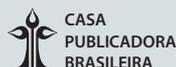
Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 54,90

Exemplar Avulso: R\$ 11,30



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer
meio, sem prévia autorização escrita do
autor e da Editora.



A Bíblia responde

Mudanças extraordinárias, rápidas, surpreendentes e constantes caracterizam o mundo atual e têm confrontado o ser humano com questões cada vez mais delicadas, envolvendo comportamento, estilo de vida, ética e espiritualidade, entre outros aspectos da vida. Diante de tais questões, é natural a crescente e quase desesperadora busca de respostas; afinal, elas podem afetar o desenvolvimento da fé, o que, certamente, produzirá consequências de alcance eterno. Aliás, em se tratando de questões espirituais e teológicas, sabemos muito bem ser inútil confiar no pensamento humano, seus conceitos, filosofias, ou até mesmo na ciência. Nesse ponto, as Escrituras emergem como fonte confiável de pesquisa.

Porém, é forçoso admitir que nem sempre encontramos um texto claro; um texto que, com todas as letras, nos diga o que é proibido ou permitido, o que devemos fazer ou não fazer, qual a direção que devemos seguir ou não seguir. Infelizmente, por falta disso, alguns elaboram interpretações distorcidas do texto bíblico, a ele acrescentam ideias próprias, desvirtuam crenças e enveredam por caminhos que os levam a uma desequilibrada experiência religiosa. Entretanto, não precisa ser assim. Mesmo que a Bíblia nem sempre nos mostre um cristalino “assim diz o Senhor” a respeito de questões teológicas ou existenciais, provê recursos que nos possibilitam encontrar, nela mesma, as respostas que procuramos. Em artigo nesta edição (p. 17), o Dr. Ekkehardt Mueller aborda esse assunto.

É sempre oportuno ter em mente que o princípio *Sola Scriptura*, enaltecido pela Reforma Protestante, é também a divisa da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Portanto, reconhecemos que a Bíblia é resultado de uma atividade na qual, por meio de mensageiros especialmente escolhidos, Deus Se revelou, bem como tornou conhecidos Sua vontade e Seus propósitos redentores para a humanidade. Conforme o apóstolo Pedro escreveu, “antes de mais nada, saibam que nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal, pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1:20, 21).

Sendo assim, “cumpre-nos exercer todas as faculdades do espírito no estudo das Escrituras, e aplicar o intelecto em compreender as profundas coisas de Deus, tanto quanto possam fazer os mortais. [...] As dificuldades encontradas nas Escrituras jamais podem ser dominadas pelos mesmos métodos que se empregam em se tratando de problemas filosóficos. Não nos devemos empenhar no estudo da Bíblia com aquela confiança em nós mesmos com que tantos penetram nos domínios da ciência, mas sim com devota dependência de Deus, e sincero desejo de saber a Sua vontade. Cheguemo-nos com espírito humilde e dócil para obter conhecimento do grande Eu Sou” (Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 599). ▮

Zinaldo A. Santos

10 RUACH ELOHIM

O Espírito Santo no Antigo Testamento.

13 A SEGUNDA OPÇÃO

Autor aponta solução para suprir eventual falta de líderes.

15 EVANGELISMO DE LONGO ALCANCE

Sugestões para colocar a tecnologia a serviço da missão.

17 QUANDO A BÍBLIA APARENTEMENTE SILENCIA

Como encontrar solução para questões não esclarecidas literalmente pelas Escrituras.

21 UMA ROCHA NO CAMINHO

As razões que excluíram Moisés e Arão da Terra Prometida.



© Olyy | Fotolia

24 A PSICOLOGIA DOS MÁRTIRES

Entenda por que fiéis filhos de Deus no passado deram a vida em sacrifício.

27 O OITAVO IMPÉRIO

Os símbolos proféticos de Apocalipse 17 e os poderes militares

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

31 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

“O reavivamento não me permite romantizar o altar. Ele me chama a morrer nele; exige que eu busque a graça que inclui uma cruz e um chamado ao discipulado. Ele ridiculariza meu arremedo de vida devocional, assombra-se por minha falta de compaixão por tantas pessoas que perecem diariamente sem o conhecimento de Jesus como Salvador pessoal.” –

Randy Maxwell

A hora dos grandes centros



Foto: Cortesia do entrevistado

“Os desafios são imensos, as necessidades são incalculáveis. Porém, a Bíblia contém vários exemplos de que a impossibilidade humana é a oportunidade de Deus”

por Marcio Nastrini

Nascido na cidade de Santos, SP, o pastor Gerson Pereira dos Santos terminou a Faculdade de Teologia no antigo IAE, em 1982 e, em seguida, iniciou sua carreira ministerial na Associação Paulista Leste, onde foi pastor de igrejas e diretor de departamentos, o que também fez no âmbito da União Centra-Brasileira. Em 1994, foi para os Estados Unidos, onde também pastoreou igrejas, coordenou departamentos nas Associações da Flórida e da Grande Nova York. Nessa última, também atua como secretário.

Doutor em Ministério, pela Universidade Andrews, Michigan, e em Plantio de Igrejas, pelo Seminário Fuller, Califórnia, o pastor Gerson recentemente foi nomeado diretor do Centro de Ministério Urbano da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Casado com a professora Leila Kumpel dos Santos, tem dois filhos: Anne Elise e Jefferson (ambos casados) e dois netos.

Nesta entrevista, o pastor Gerson fala de sua experiência pastoral e da evangelização dos grandes centros urbanos.

Ministério: *Com trinta anos de ministério pastoral, como o senhor avalia a experiência adquirida?*

Gerson: Creio que, como seguidor de Jesus, fui chamado para partilhar minha fé, servir as pessoas com as quais eu entrar em contato, ajudá-las a conhecer o amor de Deus e também a se tornarem seguidoras de Jesus. Como pastor, sinto-me privilegiado em poder ajudar a preparar outras pessoas para a vinda de Jesus e treiná-las para ministrar em nome do Senhor. Posso dizer que o que mais me agrada no trabalho pastoral é ajudar

os membros da igreja a crescer espiritualmente, descobrir seu chamado e se envolverem no discipulado.

Ministério: *O que mudou nesses trinta anos?*

Gerson: Muita coisa mudou. Eu mudei muito, e gostaria de poder voltar e recomeçar tudo, com a energia do início e a experiência adquirida com o passar dos anos. O mundo também mudou e uma das principais mudanças acredito ter sido a disponibilidade do conhecimento. O pastor já não é autoridade absoluta em diversos ramos do conhecimento humano. Atualmente, a informação está acessível, literalmente, na ponta dos dedos. E a especialização do conhecimento nos tem levado a saber cada vez mais de cada vez menos. Hoje, o mundo funciona com redes de relacionamentos e, à medida que aumenta a conectividade, esses relacionamentos se tornam cada vez mais superficiais. O líder do passado sabia dar a resposta certa; o líder do futuro faz a pergunta certa.

Ministério: *Qual foi o momento mais difícil dessa jornada ministerial e que lições lhe foram proporcionadas?*

Gerson: Creio que um dos momentos mais difíceis de meu ministério foi a readaptação ao pastorado de igreja, depois de haver trabalhado alguns anos como diretor de departamentos. Sentia-me seguro como especialista de uma área específica, mas quando voltei à igreja, percebi que ela não precisava de um profissional, mas de um amigo e líder que investisse tempo com os membros, ajudando-os a enfrentar suas lutas, buscando ajuda de Deus para solucionar problemas. Foram alguns anos de desafios, altos e baixos, mas aprendi a ser mais humilde e a confiar mais em Deus. Tive oportunidade de ter minha família perto, quase o tempo todo. Hoje tenho procurado

estar sempre rodeado de gente comprometida com o serviço de Deus. Procuo conciliar o trabalho no escritório com o campo de trabalho. Não quero ser promotor de um produto, mas um praticante que ensina a partir da própria experiência.

“Em vez de vender técnicas de testemunho, devemos viver o evangelho. Nisso reside a força da nossa pregação”

Ministério: *O que tem a dizer sobre a experiência de pastorear igrejas no Brasil e nos Estados Unidos?*

Gerson: Acredito que as necessidades básicas do ser humano são as mesmas em todo lugar. Se a pessoa vai morar em outro país, recebe uma série de influências anteriormente desconhecidas. Isso pode trazer desafios e traumas, porém, ao mesmo tempo, oferece oportunidade de serviço. Quando alguém se muda para um lugar distante, essa pessoa se torna mais “vulnerável” ou aberta para receber uma mensagem que pode mudar sua vida. Com relação ao lugar em que vai trabalhar, tenho visto grande diferença em países que são mais desenvolvidos ou secularizados, nos quais a maioria das pessoas tem muitas reservas e preconceitos com a religião institucionalizada. Nos países em que não existe liberdade religiosa, em que o cristianismo é minoria ou praticamente não existe, a dificuldade é maior ainda. Não é fácil explicar os desafios para alcançar pessoas que vivem num contexto secular ou não cristão. Às vezes estamos tão fechados, servindo a igreja, que perdemos a noção dos desafios que estão à nossa volta. É um privilégio ser missionário em qualquer país, mas também é um trabalho de grande compromisso e

abnegação, que envolve toda a família. Além disso, leva muito tempo, vários anos, para que o missionário se adapte à nova cultura e consiga se comunicar adequadamente. Não me refiro simplesmente a aprender uma nova língua, mas entender como as pessoas da referida cultura processam de forma distinta as pequenas coisas do dia a dia. Infelizmente, muitos missionários voltam para casa quando estão começando a compreender a maneira pela qual agem as pessoas da outra cultura. A compreensão e valorização dessa nova cultura são imprescindíveis, para que haja respeito e diálogo. Isso é realidade se você trabalha em outro país, como também se atravessa a rua para partilhar as boas-novas com o vizinho não cristão.

Ministério: *Quais são as atividades e os projetos do Centro de Estudos para Ministério Urbano?*

Gerson: O mundo se transforma rapidamente. Educadores devem adaptar seu currículo e estilo didático a fim de preparar estudantes para trabalhos que ainda não existem, usando tecnologia que ainda não foi inventada, a fim de resolver problemas que ainda não foram identificados. A cada dois anos, a quantidade de informação técnica é duplicada. Lembro-me de que, vinte anos atrás, vendi um carro para comprar uma linha telefônica para nossa casa no Brasil. Hoje, não temos linha telefônica em casa; usamos somente o telefone celular. Desde a antiguidade, a maioria das pessoas tinha um estilo de vida rural, dependendo da agricultura e da caça; Até o ano 1800, somente 3% da população mundial vivia nas cidades. Anos mais tarde, em 1900, o índice da população urbana alcançava 14%. Em décadas recentes, o mundo tem experimentado um crescimento sem precedentes da população urbana. A expectativa é

que por volta do ano 2050, 70% da população do mundo estejam concentrados nos centros urbanos. Evidentemente, essa população precisa ser alcançada com a mensagem do evangelho. Nesse sentido, o Centro de Ministério Urbano da Associação Geral é um centro de recursos e consultoria. Não é nosso propósito desenvolver programas, mas ajudar a desenvolver pessoas e comunidades. Nossa missão é inspirar e capacitar a igreja para fazer novos discípulos. Nossa visão é oferecer um ministério para alcançar não cristãos. Estamos construindo um site de informações e recursos, chamado “Missão para as cidades” – www.missionthecities.org.

Ministério: *Este é o ano da evangelização das grandes cidades. O que é o projeto “NY13”?*

Gerson: Sem dúvida, NY13 é uma das maiores iniciativas evangelísticas da igreja. É uma abordagem abrangente do ministério, promovendo reavivamento espiritual, capacitação e treinamento, envolvimento missionário na comunidade, campanhas de colheita e formação de discípulos. Nos últimos dois anos, a igreja em Nova York tem investido muito tempo em planejamento e oração, preparando-se para essa grande iniciativa. Como resultado de estar centralizada na missão, a igreja tem sido muitíssimo abençoada por Deus; por exemplo, no ano passado, verificou-se o maior crescimento da igreja, em toda sua história, em Nova York. Esperamos que este ano seja ainda melhor. Porém, não queremos ser triunfalistas, dando a impressão de que tudo caminha facilmente. Os desafios são imensos, as necessidades são incalculáveis. Existem mais de 500 grupos étnicos. Mais de 300 línguas são faladas numa área metropolitana de aproximadamente 20 milhões de pessoas. Nova York é uma das cidades mais visitadas do mun-

do. Além disso, é o centro mundial de finanças, com uma riqueza cultural imensa. É também reconhecida como centro de comunicações, por ser o centro de produção de notícias para o mundo. Ellen G. White profeticamente menciona que o trabalho em Nova York deveria servir de modelo para o trabalho em outras grandes cidades do mundo. Durante 2013, esperamos ter centenas de campanhas de colheita, milhares de pequenos grupos e dezenas de novas igrejas.

“Os desafios existentes nos grandes centros urbanos oferecem muitas oportunidades para a missão”

Ministério: *Que sugestões o senhor tem quanto aos métodos para evangelizar as grandes cidades?*

Gerson: Faz muito tempo, aprendi que existe somente um método de evangelismo que não funciona: é o método de nada fazer. Deus é tão poderoso e está tão disposto a ajudar, que pode abençoar até mesmo as iniciativas mais limitadas. Por outro lado, o melhor método que podemos utilizar é o de Cristo. Ellen G. White afirmou que a única metodologia que produzirá verdadeiro sucesso é seguir o exemplo de Cristo. Ele Se misturava com as pessoas, demonstrava simpatia para com elas, atendia-lhes as necessidades, depois as convidava para segui-Lo (*A Ciência do Bom Viver*, p. 143). Creio que uma das maiores necessidades que temos, como pastores, é nos lembrarmos de que, acima de tudo, somos cristãos e, como seguidores de Cristo, devemos viver como Ele viveu e desenvolver um modelo relacional de ministério e estilo de vida. Os desafios existentes nos grandes centros urbanos tam-

bém oferecem oportunidades para a missão. Milhões de pessoas que vivem nas grandes cidades têm as mesmas necessidades espirituais. Às vezes penso que, em vez de assumirmos a atitude de promotores desenvolvendo e vendendo técnicas de testemunho, devemos viver o evangelho. Nisso reside a força da nossa pregação.

Ministério: *Como o senhor avalia a marcha missionária da igreja, à luz da segunda vinda de Cristo?*

Gerson: A Igreja Adventista do Sétimo Dia está crescendo. Em algumas regiões, como os Estados Unidos, é a igreja que mais cresce – aproximadamente 2,5% ao ano. Porém, a maior parte desse crescimento ocorre entre minorias e, principalmente, imigrantes de primeira geração. Isso quer dizer que muitos já eram adventistas em seus países de origem. Mas existem segmentos da sociedade que praticamente não estamos alcançando. O mesmo se passa em outras regiões, como o Oriente Médio e partes da Ásia, onde a igreja adventista não está crescendo ou tem presença irrelevante. Mesmo em países onde a igreja cresce muito, como o Brasil, a presença adventista é pequena em relação ao crescimento da população e de outras igrejas, especialmente nos grandes centros urbanos. O desafio de alcançar os grandes centros urbanos e segmentos populacionais nos quais a igreja não tem conseguido penetrar leva-nos a pensar que precisaríamos de mais 150 anos de história para cumprirmos a missão. Porém, como a Palavra de Deus exemplifica muitas vezes, a impossibilidade humana é a oportunidade de Deus. Com um povo comprometido com a missão, o Espírito Santo de Deus terminará a tarefa de pregação do evangelho em pouco tempo. A vitória está garantida. ▀



Iguais ao Pai

Atitudes no casamento que nos ajudam a crescer mais semelhantes a Deus

Laura terminava de servir a sobremesa quando seu esposo, Jon, pastor jubilado e administrador da igreja, voltou-se para nós e disse: “Tenho algo do fundo do meu coração para dizer a vocês. Como esposo e pastor, o maior engano que já cometi foi ter comprado a ideia de que as prioridades do ministério deviam ser: Deus, igreja e família. Isso prejudicou meu casamento e a espiritualidade dos nossos filhos. Quando o casamento de um pastor fracassa, isso tem consequências de longo alcance: causa mágoa a Deus, aos familiares, ao ministério, à congregação, e a muitos outros. Leva as pessoas a perder a confiança em Deus, nos pastores e no amor.

“Independentemente do que você faça, cuide do seu amor e não deixe que o trabalho se coloque entre você e aqueles a quem você ama. Às vezes, acontecem algumas coisas no ministério, e você tem que tomar decisões difíceis entre suas prioridades. Se a família for prejudicada por seu trabalho ou por suas escolhas, você deve fazer tudo o que puder, com a ajuda de Deus, para curar as feridas feitas. Do contrário, mágoas acumuladas, desapontamentos e ressentimentos se porão entre eles e você e, pior ainda, entre eles e Deus. Não pense que você tem que satisfazer todas as necessidades dos membros de igreja, antes das necessidades de sua família. A igreja funciona melhor quando funciona como um corpo e outros membros são abençoados com a oportunidade de trabalhar. Mas você, Bernie, é responsável por atender as necessidades de sua família, e não pode delegar essa responsabilidade dada por Deus. Se hesitar em colocar as necessidades de sua família antes do ministério, leia 1Timóteo 3:1-5.”

Casamento em risco?

O ministério é uma elevada vocação espiritual, os pastores têm agendas cheias, mas alguns líderes estão

interessados em que os pastores priorizem o cuidado da família. Anos atrás, enquanto pastores empregavam tempo cuidando do rebanho e do ministério, esperava-se que as esposas cuidassem das tarefas domésticas. Elas administravam a casa, cuidavam das crianças, envolviam-se no trabalho da igreja, e os esposos faziam o “importante trabalho” de ministrar. Porém, os anos passaram e temos testemunhado tristes consequências da intrusão do trabalho da igreja entre o pastor e sua família.

Hoje, muitos casais pastorais enfrentem sérias e insidiosas ameaças. A vida e o ministério estão mais intensos do que antes. A vida é muitas vezes mais complexa do que há cinquenta anos. As expectativas congregacionais e da liderança parecem ser mais altas do que antes. A agenda dos filhos é intensa. Internet, e-mail e telefone celular significam que o pastor pode ser encontrado em qualquer lugar. Algumas vezes, a esposa acumula deveres extras para substituir a falta do sobrecarregado marido que, por sua vez, pode não ter tempo para a vida devocional saudável, exercício, descanso e bate-papo com a esposa sobre qualquer outra coisa que não sejam as emergências do lar.

Outros profissionais podem deixar o trabalho fora da porta, quando entram em casa; mas o ministério pode invadir todo aspecto dos relacionamentos familiares. É conforme uma esposa de pastor ironicamente disse: “Tenho que aceitar que ele realmente é casado com a igreja. Eu sou apenas a empregada doméstica.”

Pausa necessária

Necessitamos apertar o botão “pausa”, examinar, discutir nossos valores e prioridades, e dialogar sobre o modo como o ministério afeta nosso relacionamento. Precisamos redescobrir o ideal “uma só carne”, estabelecido por Deus para o casamento. Precisamos

compreender o impacto emocional, relacional e espiritual do ministério sobre nosso casamento, e descobrir como a teologia prática pode enriquecer nosso relacionamento no lar e na congregação.

O tempo gasto em nutrir um casamento amoroso, comunicativo, feliz e íntimo é vital para desenvolvermos um relacionamento saudável com Deus e com outras pessoas. O casamento é o centro de exploração das multidimensionais maravilhas do amor de Deus. Quanto mais aprendemos sobre amor comprometido, íntimo e profundo, mais aprendemos sobre o amor de Deus por nós. Quanto mais aprendemos sobre o amor de Deus por nós, mais facilmente entenderemos como amar um ao outro. Então, a comunidade que nos rodeia verdadeiramente saberá que somos cristãos.

O perigo da solidão

No início da história do mundo, quando Adão vivia no recém-criado Jardim do Éden, andando e conversando face a face com Deus, houve uma coisa que Deus disse não ser boa: a solidão do homem (Gn 2:18). Se estar sozinho no paraíso não era bom, neste mundo arruinado seguramente é pior ainda. Quando pronunciamos os votos conjugais, recebemos de Deus a especial tarefa de nos proteger mutuamente – marido e mulher – das nocivas experiências da solidão.

Solidão é oposta à unidade; mas a intenção de Deus para o casamento é esta: “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne” (Gn 2:24). Verdadeira unidade não é apenas intimidade sexual, mas também intimidade espiritual, amizade, interação alegre, apoio e conforto mútuos; aberta, calorosa, direta e honesta comunicação. Todos esses aspectos levam à construção de um fortíssimo laço de intimidade no relacionamento. Caso falte um deles, o ideal “uma só carne”, estará faltando.

O fato de estar casados não significa que um de nós não possa se sentir só. O casamento pode ser um dos lugares mais solitários no mundo, quando cada cônjuge se perde em seus próprios negócios, suas próprias lutas, tristezas e seu mundo. Quando a pessoa que Deus escolheu para ser sua companhia mais íntima não está atendendo suas profundas necessidades físicas, espirituais, sociais e emocionais, você pode se sentir muito só. Então, facilmente podemos ficar desencorajados, ressentidos, depressivos, irados ou famintos do amor de alguém.

Dave dirigiu muitos quilômetros através de seu longo distrito pastoral, ajudou a Sra. Taylor a cortar madeira e conversou com Fred, enquanto sua esposa, Sally, foi ao mercado. Depois ficou até tarde no escritório da igreja escrevendo sermões e enviando e-mails. Sally voltou das compras e, em casa, cuidava de quatro crianças com menos de seis anos, limpou o quintal, fez tarefas domésticas e respondeu a ligações telefônicas dos membros da igreja.

Quando Dave e Sally conseguiram ter alguns momentos juntos, estavam muito cansados e esgotados de tanto trabalhar. Passaram todo o dia esvaziando-se na vida de outras pessoas; depois precisavam de ajuda e apoio mútuos, mas nenhum dos dois tinha energia para fazer isso. Nesse vácuo, cresceu o sentimento de solidão e tristeza. Sally andava tão cansada que pensou em pegar as crianças e ir para a casa dos pais dela.

O casamento de Dave e Sally começou a ser transformado quando Dave assistiu ao filme *Fireproof* (“À prova de fogo” – www.fireproofmymarriage.com) e foi inspirado a fazer algo significativo cada dia para mostrar a Sally quanto ele a amava. Posteriormente, Sally afirmou: “Na noite em que Dave cancelou uma importante reunião na igreja para ficar comigo, quando eu estava doente, ele tocou meu coração. Saber que eu era sua prioridade quando necessitava dele foi algo que me deu esperança de que podíamos transformar nosso casamento.”

Crescimento espiritual

Quando aprendemos a amar nosso cônjuge com todo o nosso ser, mente e forças, também aprendemos o que significa o amor de Deus por nós. E, quanto mais amamos a Deus com todo o nosso ser, mente e forças, mais intensa e ricamente podemos amar nosso cônjuge.

Quando aprendemos a antever e satisfazer de maneira altruísta as necessidades relacionais de nosso cônjuge, mais compreendemos o modo pelo qual Deus cuida de nossas necessidades.

Quando aceitamos ajuda e apoio da outra pessoa, sabiamente aceitamos que não podemos nem fomos destinados a fazer tudo sozinhos e experimentamos a oportunidade de desenvolver mais profunda humildade e confiança em Deus.

Quando aprendemos a nos proteger mutuamente de perigos, tristezas, angústia e falta de apoio, aprendemos as importantes e intransferíveis habilidades que enriquecem nosso cuidado por outras pessoas.

Quando apreciamos as grandes e pequenas coisas que nosso cônjuge faz para nos apoiar, podemos ser profundamente agradecidos, e também aprendemos a apreciar as muitas formas pelas quais Deus revela Seu amor por nós.

Quando espontaneamente fazemos sacrifícios para encorajar, apoiar, apreciar, amar e confortar nosso cônjuge, experimentamos algo do amável sacrifício de Jesus em nosso favor.

Exercitando nosso amor, tornamo-nos colaboradores de Deus no trabalho que Ele realiza ajudando-nos a desfrutar uma experiência mais rica, profunda e ampla do Seu amor. E ao nos tornarmos melhores amantes, no sentido divino da palavra, naturalmente seremos mais semelhantes a Deus, de cujo coração flui todo amor. ▀



Secretário ministerial da
Divisão Sul do Pacífico,
Austrália

Ruach Elohim

O que o Antigo Testamento ensina a respeito do Espírito Santo

Certa vez, R. A. Torrey escreveu: “Antes que alguém possa compreender a obra do Espírito Santo, primeiramente deve conhecê-Lo.”¹ Com isso em mente, vamos refletir um pouco sobre a Pessoa do Espírito Santo, deixando que as Escrituras hebraicas falem por si mesmas.

O Espírito Santo é mencionado mais de 100 vezes, e de várias formas, nas Escrituras hebraicas: “Espírito de Deus (*Elohim*),² “Espírito do Senhor” (*YHWH*),³ ou, simplesmente “o Espírito”.⁴ Analisemos cada uma dessas identificações.

Espírito de Deus

A palavra hebraica para “Espírito” (*ruach*) é encontrada pela primeira vez na frase “o Espírito de Deus” em

Gênesis 1:2. Ali, o Espírito de Deus paira ou flutua sobre a superfície das águas no processo da criação. Assim, o Espírito Santo está ligado com a criação – o evento que separa Deus de outros deuses adorados nos mundos antigo e moderno. A ação do Espírito de Deus pairando sobre as águas O coloca não apenas no contexto da criação, mas também no da salvação. O verbo *rachaf* é a forma intensiva da raiz verbal que significa “flutuar”. O único exemplo, além desse, que usa o verbo nessa forma é numa metáfora de Deus redimindo Seu povo do Egito, na forma de uma águia despertando a ninhada e voando sobre seus filhotes (Dt 32:11). Essa imagem de nutrição e de salvação na história do Êxodo introduz o

Espírito Santo no contexto de duas principais funções da Divindade: Criação e salvação.

Outros usos da expressão “Espírito de Deus” aparecem no contexto de capacitação de líderes: oito referências a Saul, primeiro rei israelita; duas vezes a Bezaleel, artífice escolhido para fabricar os objetos sagrados para o tabernáculo no deserto, e uma vez a José, Balaão, Azarias, Ezequiel e Zacarias.

A ligação de Saul com o Espírito Santo é muito interessante, até mesmo bizarra. Depois de haver sido ungido como rei, por Samuel (1Sm 10:1), Saul reuniu um grupo de profetas e começou a profetizar com eles (v. 10), como Samuel havia predito (v. 6). Essa experiência no início do reinado é

paralela com outra no fim dele. Depois que Mical, filha de Saul e esposa de Davi, ajudou Davi a escapar do intento assassino de Saul (1Sm 19:11-17), o rei enviou um grupo de soldados para prendê-lo, mas ao verem um grupo de profetas profetizando, o Espírito de Deus veio sobre eles e também profetizaram (v. 20). Evidentemente essa atividade profética neutralizou os planos do rei que, ouvindo isso, enviou outro grupo para prender Davi, com o mesmo resultado (v. 21). Depois, uma terceira tentativa foi feita, e o resultado se repetiu. Saul foi pessoalmente e, em vez de prender seu desafeto, também profetizou (v. 22-24).

Entretanto, Saul não parou aí. Despiu a túnica, continuou profetizando na presença de Samuel e deitou na terra durante o restante do dia (v. 24). Novamente, o Espírito Santo neutralizou o propósito assassino de um homem, dotando-o com uma experiência religiosa evidente. Saul foi movido do desejo insano de matar Davi para fervorosa devoção a Deus.⁵

Bezaleel é descrito duas vezes como estando cheio do Espírito de Deus. Nas duas ocasiões, isso foi manifestado em “destreza, habilidade e plena capacidade artística” para fazer os artefatos do santuário (Êx 31:3; 35:32). Semelhantemente, Faraó exaltou José por suas capacidades e o escolheu como primeiro ministro (Gn 41:38). Nesses exemplos, ser cheio do Espírito Santo tem que ver com capacitação para exercer liderança criativa. No caso de Bezaleel, isso nos deixa o exemplo de um santuário provido de beleza e bem equipado; no caso de José, liderança inspirada pelo Espírito não apenas assegurou a sobrevivência e continuidade de sua família, mas também garantiu a vinda do futuro Messias.

Finalmente, a frase “Espírito de Deus” também é aplicada a vários profetas que foram “movidos” por Deus. Ezequiel descreve a maneira pela qual o Espírito Santo o escolheu e, em visão, o levou à Caldeia para ver os cativos (Ez 11:24). Balaão, relutante profeta não israelita, acabou

compelido a contrariar o desejo do rei que o contratou para amaldiçoar os peregrinos do Êxodo, mas os abençoou movido pelo Espírito de Deus (Nm 24:2). Azarias falou palavras de esperança ao desanimado rei Asa, instando-o a ser forte e libertar o povo da idolatria (2Cr 15:1-7). Zacarias (filho do sacerdote Joiada, não o autor do livro) também falou bravamente ao povo durante uma época escura de sua história, quando o Espírito de Deus veio sobre ele (2Cr 24:20).

“O Espírito Santo está empenhado em transformar indivíduos medrosos em líderes destemidos”

Espírito do Senhor

O emprego da expressão “Espírito do Senhor” é mais comum. As primeiras ocorrências descrevem a capacitação dos juizes, por parte de Deus, para libertar Seu povo. Quando o Espírito de *YHWH* veio sobre Otniel, ele prevaleceu contra o Cusã-Risataim, da Mesopotâmia; Gideon, oriundo de um povo apóstata, reuniu grande exército entre seus servos, mas usou apenas 300 homens para defender os midianitas (Jz 6:27-30, 34; 7:8). Jefté derrotou os amonitas (Jz 11:29-32) e Sansão recebeu grande força para derrotar os propósitos dos filisteus (Jz 13:25; 14:6, 19; 15:14).

Isaías também falou do Espírito de *YHWH* capacitando um Rebento do “tronco de Jessé” (o servo messiânico de *YHWH*) com sabedoria, entendimento, conselho, conhecimento, poder, temor do Senhor e julgamento justo (Is 11:1-5). Paralelamente, Miqueias afirmou que o Espírito do Senhor o encheu “de força e de justiça, para declarar a Jacó a sua transgressão, e a Israel o seu pecado” (Mq 3:8). Nesses contextos, o ponto relevante é que o Espírito do Senhor assegura liberdade, repouso e proteção aos filhos de Deus diante das ameaças que sofrem (Is 59:19; 63:14).

Também notamos que o Espírito Santo dá voz profética ao povo (Ez 11:5). Até mesmo Saul profetizou, e um desconhecido levita, Jaaziel, foi escolhido e capacitado pelo Espírito do Senhor para dar um oráculo de encorajamento e vitória à nação ameaçada (1Sm 10:6; 2Cr 20:14-17). Antes que Samuel unguisse Davi como rei, o Espírito do Senhor veio sobre ele naquele momento (1Sm 16:13). Pelo resto de sua vida, Davi reconheceu: “O Espírito do Senhor falou por meu intermédio; Sua Palavra esteve em minha língua” (2Sm 23:2).

O Espírito

A palavra *ruach* (“espírito”), sozinha ou precedida por “meu”, “seu”, ou simplesmente “o” ocorre 378 vezes em 348 versos. Quando é usada dessa maneira, a palavra segue o modelo de outros usos bíblicos dela mesma, descrevendo atributos divinos, definindo o que Deus faz e indicando maneiras pelas quais o povo é capacitado para servir a Ele.

Algumas vezes, *ruach* pode ser descrita como tendo atributos divinos; por exemplo, “bom” (Sl 143:10), “generoso” (Sl 51:12), “facilitador de poder” (Zc 4:6), “onipresente” (Sl 139:7), “sofre com a rebelião humana” (Is 63:10) e que permanece com Seu povo, conforme prometeu (Ag 2:5). À frente de tudo isso está o papel de Deus como criador. Salmo 104 descreve a atividade de Deus na criação e Seu papel em mantê-la: “Quando sopras o teu fôlego, eles são criados, e renova a face da Terra” (v. 30). Jó reconheceu esse papel do Espírito Santo quando disse: “Com Seu sopro os céus ficaram límpidos” (Jó 26:13).

A menção de *ruach* ligada à atividade de Deus inclui o trabalho do Espírito Santo com as pessoas antes de juízos divinos, durante eles, e na restauração. A primeira referência a esse trabalho está no contexto do Dilúvio: “Meu Espírito não conterá com ele [homem] para sempre” (Gn 6:3). A preocupação divina com a rebeldia humana também pode ser vista nos oráculos proféticos:

“E durante muitos anos foste paciente com eles. Por Teu Espírito, por meio dos profetas, os advertiste. Contudo, não Te deram atenção, de modo que os entregaste nas mãos dos povos vizinhos” (Ne 9:30; ver Zc 7:12).

No Salmo 106, Davi reforça a ligação entre o Espírito Santo e os juízos: o povo se rebelou contra o Espírito de Deus, sendo entregue às nações (v. 33, 41). Quando finalmente veio o juízo como ato de purificação (de acordo com Isaías), foi “por meio de um espírito de julgamento e de um espírito de fogo” (Is 4:4) – uma pungente descrição da destruição de Jerusalém pelos babilônios.

A restauração prometida por Deus para depois do castigo é coerente com o modelo observado nas Escrituras hebraicas. É significativo que o Espírito Santo esteja ligado a esse processo. Isaías defende esse aspecto da ação divina, informando que haveria limites no castigo vindouro, ou seja, ele aconteceria “até que sobre nós o Espírito seja derramado do alto, e o deserto se transforme em campo fértil, e o campo fértil pareça uma floresta” (Is 32:15).

O Espírito demarca os limites dos juízos divinos, sendo útil na restauração da terra. Em outro capítulo, Isaías repetiu a garantia de restauração: “Pois derramarei água na terra sedenta, e torrentes na terra seca; derramarei Meu Espírito sobre sua prole, e Minha bênção sobre seus descendentes” (Is 44:3). Esse Espírito não Se afastaria “nem da boca dos seus filhos e dos descendentes deles, desde agora e para sempre, diz o Senhor” (Is 59:21). Portanto, a restauração depois do juízo se torna uma ação divina de recriar e restaurar o povo de Deus, por meio do Espírito Santo outorgado a esse povo.

A mesma ideia é repetida nos Provérbios: “Se acatarem a Minha repreensão, Eu lhes darei um espírito de sabedoria e lhes revelarei os Meus pensamentos” (Pv 1:23). Isso sugere que a vida insensata pode ser revertida em vida de êxito no momento em que o Espírito é derramado sobre

alguém. O mesmo princípio está em operação nas posteriores declarações proféticas sobre juízo e restauração.

O terceiro uso que os escritores bíblicos fazem de *ruach* está relacionada à capacitação de líderes políticos e proféticos. Os 70 anciãos que ajudavam Moisés receberam o mesmo Espírito, que os habilitou a ajudá-lo “na árdua responsabilidade de conduzir o povo” (Nm 11:17). Quando isso foi feito, os anciãos profetizaram, mas apenas naquela ocasião (v. 25). Moisés recebeu a informação de que dois dos anciãos que não puderam ir à cerimônia também profetizaram, inspirados pelo Espírito (v. 26). Comentando o fato, Moisés expressou o desejo de que todo o povo recebesse o Espírito do Senhor (v. 29). Posteriormente, Joel profetizou que Deus faria exatamente isso (Jl 2:28). No contexto do Êxodo, esse dom universal do Espírito deve nutrir e instruir o povo de Deus (Ne 9:20).

Assim como os anciãos foram capacitados pelo Espírito derramado sobre Moisés, Josué também recebeu o mesmo Espírito (Nm 27:18). Semelhantemente, Eliseu foi capacitado pelo Espírito que habilitou Elias (2Rs 2:9, 15). Posteriormente, Isaías falou do Servo de YHWH, que libertaria o povo israelita do cativeiro babilônico e levaria justiça aos gentios, porque o Espírito de Deus estava sobre Ele (Is 42:1; 48:20).

Ezequiel acrescenta interessantes dimensões a esse assunto. Em sua visão do trono de Deus, o Espírito dirige as rodas (Ez 1:20), e também dirige o profeta em seus movimentos. O Espírito pôs Ezequiel sobre seus pés (Ez 2:2; 3:24) e o levantou (Ez 3:12, 14; 8:3; 11:1, 24; 43:5). Em outra visão, o Espírito de YHWH o levou a um vale de ossos secos (Ez 37:1).

Ontem e hoje

As Escrituras hebraicas são muito ricas nas descrições sobre o Espírito Santo. Elas O apresentam associado com a criação e ativo na redenção. É-nos dito que o Espírito é bom, generoso, facilitador de poder, não de

violência. Exemplo disso é visto nos episódios envolvendo pessoas com intento assassino ou com propósito amaldiçoador transformadas em profetas sob a influência do Espírito.

“A vida insensata pode ser revertida em vida de êxito, por meio do Espírito Santo”

Quando as Escrituras hebraicas descrevem a atividade do Espírito, elas abordam temas como ensino, advertência, apelo e esforço para prevenir as terríveis consequências da rebelião humana. Quando essas advertências são ignoradas, os escritores bíblicos também pintam o Espírito como estando presente durante os juízos; mas também possibilitando a restauração. Parece que o Espírito realmente limita os efeitos dos juízos, conduzindo-os ao fim, nutrimo e restaurando a terra e o povo.

Finalmente, o Espírito está empenhado em transformar medrosos em líderes destemidos, dar habilidades aos artistas e aprimorá-las. Por meio do Espírito, Deus capacita homens e mulheres para que se tornem Seus porta-vozes, que deem a um mundo enfeitado pelos enganos satânicos uma dose de realidade salvadora, levando-o de volta Àquele que pode salvar. O que podia ser mais relevante para o século 21? ▀

Referências:

¹ R. A. Torrey, *The Person and Work of the Holy Spirit* (Grand Rapid, MI: Zoondervan, 1974), p. 9.

² Gn 1:2; 41:38; Êx 31:3; 35:31; Nm 24:2; 1Sm 10:10; 11:6; 19:20, 23; Jó 33:4; Ez 11:24; 2Cr 15:1; 24:20.

³ Jz 3:10; 6:34; 11:29; 13:25; 14:6, 19; 15:14; 1Sm 10:6; 16:13, 14; 2Sm 23:2; 1Rs 18:12; 22:24; 2Rs 2:16; Is 11:2; 40:13; 59:19; 63:14; Ez 11:5; 37:1; Mq 2:7; 3:8; 2Cr 18:24; 20:14.

⁴ Gn 6:3; Nm 11:17, 25, 26, 29; 27:18; 2Rs 2:9, 15; Is 4:4; 32:15; 34:16; 37:7; 42:1; 48:16; 59:21; 63:10, 11; Ez 1:20, 21; 2:2; 3:12, 14, 24; 8:3; 11:1, 24; 43:5; Jl 2:28, 29; Ag 2:5; Zc 4:6; 6:8; 7:12; 12:10; Ml 2:15; Sl 51:11, 12; 104:30; 106:33; 139:7; 143:10; Jó 26:13; 33:4; Pv 1:23; Ne 9:20, 30; 1Cr 28:12.

⁵ S. Mowinckel, *Journal of Biblical Literature* 53, nº 3 (1934), p. 199-227.



Orador e produtor do Centro Adventista de Mídia, na Índia

A segunda opção

Novos líderes devem ser treinados e formados, com o objetivo de superarmos crises de liderança

O dia 21 de maio de 1991 amanheceu como sempre. Nova Delhi estava esplendorosa com exuberantes flamboyants adornando as ruas da capital indiana. Milhares de pessoas enchiam as ruas, alamedas e lojas, desfrutando os últimos dias de primavera, apreensivas pelo calor e umidade que logo chegariam. Porém, antes que o dia terminasse, todo o país foi mergulhado em tristeza, lágrimas e temor do desconhecido. Rajiv Gandhi, então primeiro-ministro da Índia, foi assassinado no sul do país.

O assassino interrompeu a carreira de um jovem líder que podia dar a seu país e aos milhões de compatriotas um brilhante futuro. Rajiv era bem preparado para enfrentar os desafios de liderar a maior democracia do mundo, que lutava para emergir e marchar para novos triunfos econômicos e sociais. Mas, quando ele foi assassinado, todo o país sentiu o vazio. Parecia não haver nenhuma segunda opção de liderança que pudesse tomar as rédeas do governo.

Passou algum tempo até que o país se recuperasse do choque. A falta de formação e preparo de líderes para as exigências do futuro era óbvia em todo lugar. O contexto daquela tragédia fez

com que os partidos políticos pensassem na formação de futuros líderes. Na verdade, esse pensamento deve prevalecer em toda organização, seja empresa ou igreja. Novos líderes devem ser treinados e formados, com o objetivo de superarmos crises de liderança. Nem ciúmes, imaginadas ameaças ou temor de perder influência devem impedir a preparação de futuros líderes. Este artigo lembra o que está envolvido no trabalho de mentorear, como isso pode resultar em bênçãos e como ser bons mentores na igreja.

Mentorear

Quando Moisés aceitou o chamado para liderar os filhos de Israel, ele não foi informado sobre quão longo seria o trabalho. Não lhe foi dito em que momento devia se retirar do posto. Porém, Moisés foi um bom líder, temente a Deus, e sabia que o futuro de Israel estava nas mãos do Senhor, que é o líder supremo. Também sabia que Deus trabalha por meio de agentes humanos. Portanto, Moisés não apenas tomou o manto da liderança dos filhos de Israel, através do deserto até os limites da Terra Prometida, mas também assumiu o papel de mentor. Nessa função, ele treinou Josué para ser o futuro líder (Êx 17:8, 9).

Como bom líder, Moisés percebeu líderes em potencial ao redor dele, incentivou o desenvolvimento desse potencial e lhes deu tarefas como treinamento. Não viu em Josué uma ameaça a ele, mas uma oportunidade para garantir o curso futuro da história do povo de Deus no deserto e na Terra Prometida.

Semelhantemente, Elias mentoreou Eliseu. Quando Elias encontrou Eliseu arando o campo com doze juntas de bois, viu nele uma pessoa a quem Deus podia usar. Convidado, Eliseu correu até Elias e aceitou o chamado para ser mentoreado tendo em vista o futuro ministério que o aguardava (1Rs 19:19-21).

Eliseu aprendeu as lições do discipulado. Compreendeu a importância de seguir Elias até que chegasse sua vez de liderar. O processo de mentorear é uma moeda de dois lados: O líder prepara, treina e educa; o futuro líder o segue, observa, aprende e espera o momento apropriado de assumir responsabilidades. Assim, Eliseu esperou, acompanhou, observou e aprendeu o que Deus espera do líder. O momento da transição aconteceu quando Elias ascendeu ao Céu e seu manto caiu sobre Eliseu. O novo líder estava pronto para assumir o lugar do mestre. Ele

golpeou as águas do Jordão e se entusiasmou ao ver a repetição de um milagre testemunhado antes. Estando no caminho do mentoreamento, os que são instruídos tendem a seguir as atitudes do mestre, o que realça a importância de os mentores refletirem a vontade de Deus, tão perfeitamente quanto seja possível.

No ministério de Paulo, encontramos outro bom exemplo de mentoreamento. Timóteo se juntou ao apóstolo em sua segunda viagem missionária (At 16:1-3) e permaneceu com ele. O elo espiritual entre os dois durou a vida inteira, e Paulo o tratava como filho (1Tm 1:2). Timóteo permaneceu fiel e leal, não apenas ao apóstolo, mas também às verdades que partilhavam.

Paulo designou Timóteo para o pastorado de Éfeso (1Tm 4:12). Embora Timóteo fosse tímido por natureza (2Tm 1:6, 7), Paulo o incentivou a se tornar um dos mais excelentes obreiros de Deus. Como bom mentor, Paulo era interessado não somente no crescimento espiritual e pastoral de Timóteo, mas em seu bem-estar físico; tanto que o aconselhou a tomar medicação apropriada para ter boa saúde (1Tm 5:23). Esse trabalho produziu excelente pastor e evangelista.

Uma cuidadosa leitura das duas epístolas escritas a Timóteo revela a preocupação do idoso mentor com o desenvolvimento e crescimento do jovem pastor. Esse devia ser forte e estável na verdadeira doutrina do evangelho, preservar a santidade do culto público e conduta privada, resistir a falsos mestres, ser enraizado e firme na Palavra de Deus, treinar anciãos e diáconos para o futuro da igreja e salvaguardar as verdades a ele confiadas.

As bênçãos

Ao refletir sobre os relacionamentos de Moisés e Josué, Elias e Eliseu, Paulo e Timóteo, penso nas bênçãos que recebi de muitos bons mentores em minha vida e meu ministério. Dois desses mentores de destacam. O primeiro foi um pastor com o qual

iniciei o ministério. Por preceito e exemplo, com paciência e gentileza, ele me levou a compreender e seguir os grandes mistérios do pastorado: pregação da Palavra, visitação, cuidado pelos doentes, aconselhamento, vida de oração, confiabilidade. Esse pastor me levou a andar mais perto do Salvador; orientou-me nas dificuldades práticas, deu-me oportunidades para ministrar e me incentivou a assumir responsabilidades. Ele me ensinou a ser um pastor organizado.

Outro líder foi o presidente da Associação, que gentilmente me guiou na administração e liderança da igreja. Lembro-me de uma ocasião em que fui convidado a traduzir um pregador visitante. Meu conhecimento de inglês não era afinado com a eloquência do pregador e eu estava nervoso. Mas, o presidente acreditou em mim e expressou sua confiança de que eu faria bem o trabalho. Isso me animou e tudo correu muito bem. Meus dois mentores me ajudaram muito e me ensinaram a responsabilidade ministerial, mostrando, pelo exemplo, como funcionam os princípios do trabalho pastoral. Sua orientação altruísta, generosa, e sua influência aprimoraram meu crescimento profissional e espiritual.

Mentores efetivos

Entre muitos princípios que contribuem para a formação de bons mentores, quero destacar três:

Seja incentivador. Mentorear não é fácil. Às vezes, os mentoreados desapontam. Pedro desapontou Jesus muitas vezes. Ele era precipitado, imprudente, sempre falava primeiro e pensava depois. Foi rápido com a espada para defender Jesus, e rápido também para negá-Lo. Mas, Cristo nunca desistiu dele. Como mentor divino, Jesus sabia as possibilidades que havia naquele coração. Jesus o encorajou e orou em favor dele (Lc 22:32). Vez após vez, Jesus animou Pedro e, depois da Sua ressurreição, confiou-lhe o sagrado encargo de cuidar de Seu rebanho (Jo 21:15-17). Devemos seguir o exemplo de Cristo e ser fonte

de encorajamento àqueles que estão sob nosso cuidado e treinamento.

Certo pastor ouviu de seu mentor que algo estava errado com seu trabalho. Apenas um jovem havia sido acrescentado à igreja durante o ano. No fim daquele dia difícil, o pastor orou pedindo forças a Deus, e Ele não falharia. Ao concluir a oração, o pastor ouviu passos perto dele. Virando-se para ver quem era, viu o jovem recém-convertido, que lhe disse: “Pastor, você acha que posso ser pregador algum dia?” O pastor o aconselhou a orar e pedir orientação divina. Aquele jovem era Robert Moffat, missionário que conquistou muitas pessoas para Cristo na África.

Alguns anos depois, quando Moffat, em visita a igrejas em Londres, falou sobre sua experiência naquele continente, um jovem médico, profundamente tocado pela mensagem, atendeu ao apelo para trabalhar com ele na África. Seu nome? David Livingstone.

Prontidão para o sacrifício. Mentorear pode ser uma experiência maravilhosa quando há uma atitude sacrificial. Quando mentores sacrificam alguma coisa, isso será apreciado por seus seguidores. Sem espírito de sacrifício, ninguém pode ser líder efetivo, muito menos mentor bem-sucedido.

Esteja à frente. Se você quer ser mentor, deve se tornar pastor, guiando à frente das ovelhas, pronto a dar a vida pela segurança do rebanho. Paulo fala desse importante fator de liderança: “Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (1Co 11:1). Mentores não são tocadores de gado; são pastores cuidadosos, líderes gentis, mostrando o caminho da justiça e do serviço.

Não podemos subestimar a importância de mentorear. Sem treinamento de uma segunda opção no ministério, o trabalho da igreja sofrerá. Josué sucedeu Moisés; Eliseu sucedeu Elias. Ninguém pode permanecer eternamente líder, assim como nenhuma organização pode ser bem-sucedida em sua missão sem provisão adequada para a sucessão de líderes. ▀



Evangelismo de longo alcance

Sob o poder do Espírito Santo, a internet oferece possibilidades infindáveis de levar pessoas a Jesus

Antes de ascender ao Céu, Jesus disse aos discípulos: “Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão Minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da Terra” (At 1:8). Até então, embora eles soubessem que o evangelho devia ser pregado “até os confins da Terra”, provavelmente não tivessem ideia do que Deus faria para cumprir Sua missão através deles. A congregação em Jerusalém naquela época tinha somente 120 membros (At 1:15). Os discípulos sabiam que era impossível alcançar o mundo com um grupo tão pequeno. Para que isso fosse possível, foi-lhes, então, prometido o derramamento do Espírito Santo e, a partir do momento em que O receberam, o mundo nunca mais foi o mesmo.

Na verdade, as boas-novas de Jesus Cristo têm-se espalhado vastamente. De acordo com relatório da *Global Christianity*, “um estudo demográfico de mais de 200 países indica a existência de 2.18 bilhões de cristãos de todas as idades no mundo”.¹

Isso não significa que o trabalho terminou. A população mundial é superior a sete milhões de pessoas; o número de cristãos equivale apenas a quase 1/3 desse número. Embora tenha crescido quatro vezes mais nos últimos cem anos, “atualmente, o número de cristãos corresponde aproximadamente à mesma proporção (32%) de um século atrás (35%), em relação à população do mundo”.²

Então, como nos será possível cumprir a missão ordenada por Cristo? Tendo como pressuposto a dependência do Espírito Santo, po-

demos pensar na utilização que Ele pode fazer de instrumentos práticos, um dos quais pode ser a internet.

Planeta em sintonia

O mundo está interligado, e todos os dias mais e mais pessoas aderem às redes virtuais e ficam *online*. Recente pesquisa da *Faith Community Today*, sobre congregações e o uso da internet, concluiu que “há uma correlação direta entre adoção da tecnologia e o crescimento das congregações”.³

Um dos desafios do uso da internet para divulgar o evangelho é que muitos líderes não têm suficiente conhecimento sobre o assunto; portanto, não têm ideia sobre como nem onde iniciar. Embora os jovens da igreja sejam atraídos a essa tecnologia, eles gastam muito tempo nas redes sociais, bate-papo virtual,

ou assistindo a vídeos. Porém, essa situação normalmente muda, quando as igrejas começam a usar a internet para alcançar pessoas. Os líderes necessitam ensinar esses jovens a usá-la para transmitir o evangelho.

O que fazer

A pergunta é: O que sua igreja pode fazer para envolver os membros no ministério da internet? Primeiramente, eles necessitam compreender que esse trabalho somente pode ser feito através do poder do Espírito Santo. Cristo foi específico em Sua declaração aos discípulos. A condição para que o evangelho fosse pregado “até os confins da Terra” era o recebimento do poder do Espírito Santo. Pacientemente, eles esperaram, até que suas diferenças fossem resolvidas.

Ellen G. White escreveu: “Esses dias de preparo foram de profundo exame de coração. Os discípulos sentiram sua necessidade espiritual, e suplicaram do Senhor a santa unção que os devia capacitar para o trabalho de salvar almas. Não suplicaram essas bênçãos apenas para si. Sentiam a responsabilidade que lhes cabia nessa obra de salvação de almas. Compreendiam que o evangelho devia ser proclamado ao mundo, e reclamavam o poder que Cristo prometera.”⁴ Quando estavam cheios do Espírito Santo, no dia de Pentecostes, suas palavras penetraram no coração dos ouvintes e “naquele dia houve um acréscimo de cerca de três mil pessoas” (At 2:41).

Em segundo lugar, devemos orar para que o Espírito Santo prepare o coração das pessoas. Ele não apenas capacitou os discípulos e acrescentou pessoas à igreja, mas também trabalhou com todos os ouvintes da pregação de Pedro. Diz a Escritura: “Ouvindo-se o som, ajuntou-se uma multidão que ficou perplexa, pois cada um os ouvia falar em sua própria língua” (v. 6). Como foi possível que todos ouvissem no seu próprio idioma? O Espírito Santo os impressionou e os levou a decidir. Devemos orar diariamente pelo batismo do Es-

pírito Santo, a fim de que sejamos levados a contatar pessoas cujo coração esteja pronto, independentemente de que estejam perto ou a milhares de quilômetros distantes de nós em frente à tela de um computador.

Em terceiro lugar, devemos educar os membros sobre o uso correto da internet. Ela pode facilmente se tornar instrumento com o qual Satanás leve pessoas a praticar todo tipo de pecado. Sendo que os jovens gastam demasiado tempo na internet, sua igreja deve regularmente prover treinamento e capacitar os membros no uso de instrumentos e métodos práticos para evangelizar pela internet.

“O mais humilde obreiro, movido pelo Espírito Santo, poderá tocar cordas invisíveis”

Orientações práticas

Aqui estão algumas sugestões para você:

- Crie um ministério de internet em sua igreja e nomeie alguém para coordenar.

- Apoie esse coordenador, enquanto ele desenvolve um criativo *website*.

- Incentive para que seu coordenador do Ministério da Internet assista às reuniões de treinamento para o evangelismo virtual.

- Forme equipes que possam responder a perguntas, solicitações e cartas pela internet.

Em uma das igrejas em que trabalhei, colocamos numa das redes sociais um curto vídeo contendo uma mensagem de esperança, apenas para testar nosso projeto. Para nossa surpresa, em três semanas, aproximadamente 360 mil pessoas acessaram o *site*. Deus nos despertou para que percebêssemos ser este um imenso campo de colheita. Sem elevados investimentos, construímos um modesto estúdio na igreja, onde os programas para a internet foram produzidos. A participação

dos jovens foi muito positiva. No fim do ano, vinte milhões de pessoas tinham visto os vídeos.

Você pode começar disponibilizando sermões, músicas, palestras sobre família e saúde no *website* da igreja. Também pode implantar um sistema de rádio e solicitar que irmãos com talento para isso apresentem os programas. Procure conhecer o que outras igrejas têm realizado via internet e coloque em prática as lições aprendidas.

Oportunidades infinitas

De acordo com Ellen G. White, “quando Cristo estava no mundo, Sua obra parecia limitada a um estreito campo; no entanto multidões de todas as terras ouviram-Lhe a mensagem. Deus Se serve muitas vezes dos mais simples meios para produzir os maiores resultados. É Seu plano que cada parte de Sua obra dependa de outra parte, como uma roda dentro de outra, funcionando todas em harmonia. O mais humilde obreiro, movido pelo Espírito Santo, poderá tocar cordas invisíveis, cujas vibrações hão de soar até aos confins da Terra e produzir melodias através dos séculos eternos”.⁵

O Senhor deseja que todo membro do corpo de Cristo participe em Sua missão. A obra de salvar o perdido deve ser a prioridade de todo membro da igreja, e não apenas do pastor. Na igreja primitiva, “o Senhor lhes acrescentava diariamente os que iam sendo salvos” (At 2:47). Esse crescimento foi resultado do envolvimento de todo membro daquela congregação. Com o advento da internet, os membros da igreja, hoje, podem se envolver de várias maneiras no trabalho de alcançar pessoas para Cristo. As possibilidades são infindáveis e o impacto pode ser global. ▀

Referências

¹ www.pewforum.org/Christian/Global-Christianity-exec.aspx, acessado em 06/07/12.

² *Ibid.*

³ <http://faithcommunitiestoday.org/report-congragations-and-their-use-internet-technologies>, acessado em 14/03/12.

⁴ Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 37.

⁵ _____, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 822.



Diretor associado do Instituto de Pesquisa Bíblica da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Quando a Bíblia aparentemente silencia

Como encontrar respostas para questões não abordadas diretamente nas Escrituras

Nos séculos seguintes à conclusão do cânon, os cristãos foram e ainda são confrontados com questões de natureza teológica ou ética que não são diretamente abordadas na Escritura. Há quem se refira a esse problema como “o silêncio da Bíblia”; embora não seja um silêncio absoluto.

Aqui estão exemplos: Deus pode morrer? O que aconteceu com a natureza divina de Cristo quando Ele morreu na cruz? Experimentou Jesus a primeira ou a segunda morte? Como devemos tratar de temas como aborto, pesquisas com células-tronco e clonagem humana? Podem os cristãos, hoje, estar envolvidos com alguma forma de escravidão? Que dizer da ecologia e o cuidado com o planeta? Deveríamos estar liberados para beber álcool, fumar ou

usar drogas? Não há um mandamento bíblico dizendo: “Não fumarás.”

Questões desse tipo nem sempre podem ser resolvidas com um texto específico, tratando diretamente do assunto. Entretanto, são importantes e muitas delas influenciam diretamente nosso dia a dia. Não podem ser ignoradas. Isso levanta a questão sobre como nós podemos proceder e o que devemos fazer em tais casos. Quais são as opções que temos, considerando que aceitamos a Escritura como a Palavra de Deus, evitando abordagens críticas como as sugestões de que ela é culturalmente condicionada, reflete a evolução do pensamento religioso, ou é relativa em suas declarações e autoridade? Excluindo essas ideias, parece que nos restam pelo menos quatro opções.

O que não é proibido é permitido

A primeira opção é: O que não é proibido é permitido. De acordo com essa abordagem, se a Escritura não trata especificamente de um tema, os cristãos estão livres para tomar qualquer direção que desejem. Alguns defendem a limitação dessa liberdade, argumentando que, em oração e sob a direção do Espírito Santo, a igreja, não a pessoa, deve tomar as decisões sobre o tema envolvido.

Tomemos, por exemplo, a estrutura da igreja. A Bíblia não diz precisamente como uma igreja mundial deve ser estruturada. Não há textos que digam letra por letra que devemos ter Associações, Uniões, Divisões, a Associação Geral, ou quanta autoridade deve ser atribuída aos líderes nos vários níveis de

administração. Deveríamos achar que o modelo episcopal, presbiteriano ou congregacional, de governo eclesiástico seja mais vantajoso?

Essa e a seguinte abordagem já foram discutidas na história da igreja. J. P. Lewis escreveu:

“A Bíblia tem mais a dizer sobre questões como estilo de vida, ética e outras, do que podemos ver apenas no âmbito superficial”

“Tertuliano estava preocupado se um cristão poderia usar uma coroa de louros. Embora a oposição argumentasse que ‘o que não é proibido é permitido’, ele dizia que ‘o que não é claramente permitido é proibido’. Portanto, seria sobrepujar a evidência assumir que Tertuliano tenha aplicado seu argumento a todas as questões de fé e prática da igreja.”¹

Lewis continua: “Lutero considerava que ‘o que a Escritura não tem aprovado nem proibido tem de ser considerado livre e tratado em consenso’. Lutero não tentou eliminar o erguimento da hóstia nem o uso de vestimentas eucarísticas. Quando Karlstadt perguntou: ‘Onde Cristo ordenou erguer a hóstia e exibi-la ao povo?’, a resposta de Lutero foi: ‘Onde Ele proibiu?’, e afirmou: ‘O papa transgride quando ordena; e os sectários, quando proibem.’”²

Lutero considerou “indiferentes” as coisas sobre as quais a Escritura e Deus não especificam.³ Essa abordagem também é chamada de “princípio normativo”, adotado, por exemplo, pelos anglicanos.⁴

O que não é permitido é proibido

Uma segunda abordagem poderia ser: O que a Escritura não permite explicitamente é proibido. Isso pode significar que, por exemplo, podemos ter que viver como os Amish [grupo cristão anabatista conserva-

dor nos Estados Unidos], e evitar eletricidade e todos os modernos meios de transporte e comunicação, porque nada disso é mencionado nas Escrituras. A Bíblia não fala de progressos científicos que influenciam nosso dia a dia. Deveríamos banir os órgãos das igrejas, como fizeram os calvinistas⁵ – ou a informática? Nada disso está explicitamente mencionado na Escritura, e há muitos outros exemplos. Alguém pode argumentar que a Escritura regulamenta a vida religiosa, não a vida secular. Entretanto, essa distinção não é feita diretamente na Bíblia.

A questão foi discutida no primeiro século e ressurgiu com Ulrico Zwinglio e João Calvino. Para Zwinglio, “tudo devia ser simples. A Escritura podia explicitamente sancionar tudo o que fosse feito no culto, embora houvesse uma área de ‘coisas indiferentes’, como o palavreado das orações. O que não era autorizado era rejeitado.”⁶ E, de acordo com Calvino, “nada é mais seguro do que banir todo atrevimento do senso humano, e aderir somente ao que a Bíblia ensina.”⁷

Thomas Campbell, do Movimento de Restauração, afirmou: “Onde as Escrituras falam, nós falamos; onde elas silenciam, nós silenciamos.”⁸ Isso parece muito bom e, certamente, é sincero. Entretanto, W. Woodrow mostra que Campbell não seguiu esse princípio:

“Infelizmente, Campbell sempre usava a mesma lógica para excluir uma prática e incluir outra... justificou muitos itens para os quais não havia ordem nem exemplo sob o ‘direito de conveniência’: reuniões nas casas, batistérios, tradução, publicação e distribuição da Escritura, tempo para reunião, arranjos específicos para o dia do Senhor... A escravidão não era imoral em si mesma, desde que ‘nenhum verso da Bíblia a inibia’. Também admitiu que, ‘não tendo Deus prescrito formas de governo político, desse modo sancionou todo sistema que a sociedade escolhe assumir’. Sendo que os apóstolos não deram nenhuma direção quanto à maneira de cooperação

na igreja, isso ‘é deixado à sabedoria e discricção de toda a comunidade’.

“Deve-se notar que o contexto no qual o silêncio bíblico era proibitivo para Campbell geralmente envolvia algum aspecto da igreja – sua forma de governo, culto ou termos de comunhão... Desde que o Novo Testamento apresentasse todas as características essenciais da igreja, elementos extrabíblicos eram desautorizados, violavam o modelo divino e impediam a unidade cristã. Caso contrário, o silêncio implicava em liberdade.”⁹

Os restauracionistas podem ter falhado em ver que nem todas as situações da igreja no Novo Testamento eram semelhantes; em alguns casos, havia várias opções. Por exemplo, os cristãos judeus ainda se reuniam no templo e na sinagoga, enquanto cristãos gentios se reuniam nas igrejas em casas, idealizadas depois da sinagoga. Os restauracionistas também podem ter falhado em distinguir entre narrativas bíblicas e prescrições bíblicas.

Em todo caso, Woodrow nota: “Isso não significa que toda palavra ou todo ato que não apareça especificamente na Bíblia esteja em desacordo com ela... Embora a menção de uma prática no Novo Testamento seja diferente de outra, isso não é base para tornar a última prática errada ou pecaminosa... Para os cristãos, comemorar a Ceia do Senhor com jejum seria ridículo; entretanto a instituição da Ceia não impede o jejum como expressão válida de adoração.”¹⁰

Essa segunda abordagem também é chamada de “regulativa” e foi seguida pelos puritanos.

Entre duas abordagens

Uma terceira abordagem podia ser escolhida entre as duas anteriormente apresentadas, ou encontrar uma posição de mediação.

Embora pareça estranho, essa abordagem pode ser encontrada entre membros, pastores e administradores da igreja adventista. Entretanto, também foi encontrada ao longo da história da igreja, porque

as pessoas que aceitavam a última abordagem não eram capazes de aplicá-la consistentemente. Isso foi verdadeiro tanto para os reformadores como para os restauracionistas.¹¹

“Karlstadt, colega de Lutero, posteriormente seu opositor em Wittenberg, expressou o princípio de nada se acrescentar à Escritura... Qualquer pessoa que acrescentar algo à Palavra de Deus ou dela subtrair algo está automaticamente excomungada. Apesar disso, a pessoa tem direito de liberdade onde as Escrituras não são explícitas, mas o direito individual é subordinado às necessidades da comunidade... Karlstadt ampliava o que as Escrituras estabeleciam. O cuidado pelas viúvas, por exemplo, incluía o cuidado pelos viúvos.”¹²

Princípios orientadores

Uma quarta abordagem sugere que, na ausência de textos bíblicos claros que tratem diretamente do tema sob investigação, devemos procurar os princípios que podem iluminar a questão, avaliá-los com oração, e determinar como eles são aplicáveis às questões teológicas e éticas. Princípios bíblicos são encontrados em textos bíblicos, que devem ser analisados exegética e teologicamente.

Essa abordagem realça que ordens e proibições bíblicas devem ser levadas a sério. O mesmo é verdade quanto aos princípios. A vontade de Deus jamais pode ser ignorada.

Tomemos como exemplo o tema da saúde. Devemos focalizar o que a Escritura tem a dizer sobre saúde e, por exemplo, concluir que Deus formou nosso corpo e espera que sejamos bons mordomos dele. As Escrituras chamam nosso corpo de templo do Espírito Santo (1Cr 9:6) e nos desafia a glorificar a Deus através dele (1Co 6:20). À luz desse princípio, o tremendo risco que a prática de fumar traz à saúde, é muito difícil para o cristão justificá-la.

A Bíblia não contém uma proibição clara à escravidão; porém, olhando os princípios bíblicos sobre dignidade humana, liberdade e igualdade,

bem como estudando o tratamento que Paulo deu à questão em epístolas como a enviada a Filemom, os cristãos têm reprovado a escravidão.

Avaliando as abordagens

As quatro abordagens são básicas para tratar com assuntos que não são diretamente mencionados nas Escrituras. Pode haver mais que quatro – e há, caso alguém escolha a abordagem crítica – mas estaremos concentrados nas que foram mencionadas, apondo seus pontos fortes e fracos.

“Embora encontremos diferentes ênfases teológicas em vários livros da Bíblia, a verdade bíblica é um sistema integrado que não deve ser destruído”

Primeira abordagem. Essa abordagem permite um pouco de liberdade. Porém, isso pode ser perigoso, pois a liberdade pode ser abusada. Parece ser muito simplista e pode não levar em consideração os princípios bíblicos existentes quando não há textos específicos sobre o assunto em pauta. A Bíblia tem mais a dizer a respeito de questões como estilo de vida, ética e outras, do que podemos ver apenas no âmbito superficial. Portanto, essa abordagem parece problemática.

Segunda abordagem. A segunda abordagem pode não ser tão facilmente abusada como a primeira; mas pode ser restritiva e torna difícil a vida hoje. Poderia ser também questionado o seguinte: Essa abordagem é a intenção da Escritura? É por ela permitida ou favorecida? Evidentemente, falta à segunda abordagem a liberdade garantida pela primeira. Alguém pode achar difícil procurar princípios bíblicos e também pode ficar satisfeito apenas com uma leitura superficial das Escrituras. Seguir tal abordagem poderia complicar ou até mesmo impedir o cumprimento da missão e a proclamação das três

mensagens angélicas, caso fossem excluídos os modernos meios de transporte e de comunicação.

Somos advertidos a nada acrescentar às Escrituras nem delas subtrair alguma coisa (Dt 4:1, 2); Ap 22:18, 19). Aliás, alguém pode argumentar que isso significa que também não podemos fazer nada que não seja nelas mencionado. Entretanto, a questão é se esses textos devem ser interpretados dessa maneira. G. R. Osborne corretamente argumenta que eles devem ser compreendidos no contexto de combate à heresia. “À semelhança de Deuterônimo, Cristo adverte contra os falsos mestres que distorcem o significado das profecias, adicionando a elas seu próprio ensinamento ou removendo o significado pretendido por Deus.”¹³ G. K. Beale o apoia: “Tais ensinamentos falsos equivalem a adicionar algo à lei de Deus ou subtrair algo da lei de Deus.”¹⁴

Esses textos não se referem à questão de que “o que a Escritura não permite explicitamente é proibido”. Ironicamente, enquanto ensinavam regulamentos tradicionais – coisas não explicitamente mencionadas nas Escrituras – os líderes judeus a elas adicionavam suas tradições e foram criticados por Jesus por causa dessa prática.

Semelhantemente à primeira abordagem, essa também é problemática.

Terceira abordagem. Escolher entre as duas abordagens mencionadas é algo que parece bizarro. Dificilmente se pode conceber que a primeira e a segunda podem ser combinadas de modo significativo. Alternar entre abordagens que estão diametralmente opostas uma à outra desafia toda lógica.

Infelizmente, as pessoas costumam tomar decisões que não estão alicerçadas sobre claros princípios, com o tolo pensamento de que podem conciliar o que é inconciliável. Também podem dividir a vida em diferentes compartimentos, com alguns sendo governados por uma abordagem, enquanto outros são governados pela abordagem oposta. Parece-nos que a terceira abordagem

é pior que as duas anteriores. Consciente ou inconscientemente, a pessoa se torna padrão para interpretar as Escrituras. Com essa abordagem há o perigo de que a primeira ou a segunda posição sejam escolhidas subjetivamente, quer para obter resultados e conclusões desejados, ou para manter algum tipo de tradição.

Quarta abordagem. Como já foi dito, essa abordagem é governada por princípios bíblicos. Ela pode ser mais desafiadora que as anteriores, e força o pesquisador a estudar seriamente as Escrituras, orar e buscar a vontade de Deus, o que é realmente benéfico. Promove um relacionamento maduro e crescente com Deus. Essa abordagem também parece permitir alguma abertura, especialmente quando se tratar do conceito da mordomia cristã. Parece ser a melhor abordagem entre as quatro.

W. C. Kaiser e M. Silva argumentam: “Somente o que é diretamente ensinado na Escritura é ligado à consciência... Ligar a consciência dos crentes ao que não é *diretamente* ensinado nas Escrituras é caminhar perigosamente perto de construir uma nova tradição...” Isso soa como a primeira abordagem, mas eles continuam: “Assim, o que é diretamente condenado na Escritura devemos condenar. E o que é condenado pela aplicação imediata de um princípio também devemos condenar.”¹⁵

A escolha

Isso nos leva ao ponto em que temos de tomar uma decisão de escolher a abordagem que seguiremos. Tal decisão é, ao mesmo tempo, uma decisão sobre como fazer teologia, algo que uma abordagem simplista não fará. O Senhor quer que tomemos um tema, pensemos sobre ele e, sob a direção do Espírito Santo, obtenhamos respostas para questões não abordadas literalmente na Bíblia.

Jesus e os apóstolos exemplificaram essa atitude. Em Mateus 19, Cristo foi confrontado com a questão do divórcio. O Antigo Testamento contém permissão para o divórcio em

caso de indecência (Dt 24:1-3). Mas Jesus sabia que essa era uma concessão feita por causa da dureza de coração do povo (Mt 19:8). Assim, foi ao princípio bíblico encontrado no relato da criação, declarando que Deus fez um homem e uma mulher, uniu-os em casamento e eles se tornaram “uma só carne” (Gn 1:27; 2:24). Disso, Cristo deduziu: “Portanto, o que Deus uniu ninguém separe” (Mt 19:6).

Em Romanos 1, Paulo discutiu a pecaminosidade dos gentios, mencionando vários maus hábitos, incluindo homossexualidade. Claras proibições ao estilo de vida homossexual são encontradas em Levítico 18 e 20. Paulo não aludiu a esses textos, mas apresentou o contexto da criação (Rm 1) e queda (Rm 5) como razão para rejeição da prática homossexual. Embora tivesse textos bíblicos, ele usou princípios bíblicos para falar do problema.

Evidentemente, essa abordagem deve ser favorecida. Ela envolve exegese da Escritura e descoberta de princípios e temas bíblicos. Mas algumas perguntas permanecem: Primeira, como encontramos princípios bíblicos e os aplicamos às questões que enfrentamos? Resposta: Lemos a Bíblia ampla e regularmente e pedimos que o Espírito Santo nos guie aos princípios certos. A comunidade de crentes também é importante, porque geralmente a igreja como um todo é capaz de apontar princípios bíblicos que são aplicáveis a situações específicas.

Segunda pergunta: Que critérios adicionais podem ser utilizados? Aqui estão alguns:

□ Na busca de princípios bíblicos, terão prioridade aqueles que partilham as mesmas preocupações do tema sob investigação. Por exemplo: Ao se discutir o aborto, os princípios de valor da vida, assassinato e morte devem ser considerados.

□ A solução de um caso específico deve estar em harmonia com outros ensinamentos bíblicos e com toda a mensagem da Bíblia. Embora encontremos diferentes ênfases teológicas em vários livros da Bíblia,

há unidade abrangente. Então, não deve haver fios desconectados ou conclusões conflitantes quando fazemos teologia ou determinamos como as questões difíceis devem ser resolvidas. A verdade bíblica é um sistema integrado e unido que não deve ser destruído.

□ Alguns princípios devem ser traçados através da Bíblia para que vejamos se ocorreu, ou não, mudança na prática mencionada. Caso tenha havido mudança, a direção que essa tomou deve ser procurada, assim como aconteceu, por exemplo, com os cristãos no caso da abolição da escravidão.

□ Os cristãos não são ilhas. Ao tratar com essas questões, podemos ter que consultar outros membros da igreja ou pessoas experientes, para ouvir seus conselhos e sugestões.

Pessoas com visão elevada das Escrituras têm muitas opções quando necessitam responder a questões que não estão claramente mencionadas na Bíblia. Uma abordagem fundamentada em princípios parece ser mais frutífera e também recomendada pela Bíblia. Devemos manter firmemente nossa fidelidade às Escrituras. ▀

Referências:

- 1 Jack Pearl Lewis, *Restoration Quarterly* 48/2 (2006), p. 73.
- 2 *Ibid.*, p. 82.
- 3 <http://lavistachurchofchrist.org/LVarticles/SilenceOfTheScriptures.htm>, acessado em 15/05/2012.
- 4 I. Howard Marshall, *Beyond the Bible: Moving from Scripture to Theology* (Grand Rapids: Baker, 2004), p. 40.
- 5 John Barber, *Reformed Perspective Magazine* 8/26 (2006), v. 8, nº 23.
- 6 Jack Pearl Lewis, *Op. Cit.*, p. 75.
- 7 João Calvino, *Institutes* 4, 8, 12.
- 8 W. E. Garrison e A. T. DeGroot, *The Disciples of Christ: A History* (St. Louis: Bethany Press, 1958), p. 140.
- 9 Woody Woodrow, *Restoration Quarterly* 28/1 (1985-1986), p. 31, 32.
- 10 *Ibid.*, p. 38.
- 11 Woody Woodrow, *Op. Cit.*, p. 33.
- 12 Jack Pearl Lewis, *Op. Cit.*, p. 79.
- 13 G. R. Osborne, *Revelation, Baker Exegetical Commentary on the New Testament* (Grand Rapids: Baker Academic, 2002), p. 795.
- 14 G. K. Beale, *The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text* (Grand Rapids: Eerdmans, 1999), p. 1151.
- 15 Walter C. Kaiser Jr. e Moisés Silva, *An Introduction to Biblical Hermeneutics: The Search for Meaning* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994), p. 204.



Uma rocha no caminho

Na impulsividade extravasada em Meribá, Moisés fez muito mais do que desobedecer a uma ordem divina

As notáveis conquistas e contribuições de Moisés e Arão, durante o Êxodo, fazem deles indivíduos dignos de respeito e admiração. Ambos tiveram como pais Anrão e Joquebede (Êx 6:20). Moisés caracterizou-se como um irmão bondoso e perdoador (Nm 12:11), operador de milagre (Êx 4:21) e um grande líder (Êx 32:32). Nele, Deus viu um servo e amigo fiel (Nm 12:7).

Por sua vez, Arão foi escolhido por Deus para ser porta-voz de Moisés (Êx 4:16) e serviu como primeiro sumo-sacerdote diante de Deus (Êx 28:41). Entretanto, foi uma grande tragédia o fato de que a nenhum deles, nem à irmã, Miriã, foi permitido entrar na Terra Prometida. Chegaram perto de Canaã, mas foram impedidos de entrar nela.

Diante disso, pode surgir a pergunta: Por que um juízo tão intransigente caiu sobre Moisés e Arão? O que foi tão mal nas atitudes desses homens que os proibiu de entrar na Terra Prometida?

“Por que Moisés e Arão foram impedidos de entrar na Terra Prometida”

Os eventos relatados em Números 20:1-12 aconteceram no quadragésimo ano do Êxodo. Depois de peregrinar por quase 39 anos, os israelitas haviam chegado ao deserto de Zim e se acamparam em Cades. Esse capítulo começa com a morte de Miriã e termina com a perda de Arão; consequentemente, ele relata situações e circunstâncias de partir o coração de Moisés. Como se não bastasse a tristeza pela morte de Miriã, os israelitas importunaram Moisés e Arão com outro exigente murmúrio: “Não havia água para a comunidade, e o povo se juntou contra Moisés e contra Arão” (v. 2). Na lista de queixas, o povo disse preferir ter morrido com os dez espias (Nm 14:36, 37) do que viver com Moisés e Arão; preferir a escravidão egípcia à liberdade no deserto, onde não havia mantimentos, “cereal, nem figos, nem uvas, nem romãs, nem água para beber!” (Nm 20:3-5). Com o coração oprimido, Moisés e Arão caíram prostrados em busca da ajuda do Senhor.

O Senhor então ordenou que Moisés falasse à rocha, e lhe garantiu que ela verteria água. Quarenta anos antes, em Horebe, Deus havia ordenado que Moisés ferisse a rocha da qual a água brotaria. Porém, dessa vez no deserto, Moisés disse ao povo: “Escutem, rebeldes, será que teremos que tirar água desta rocha para lhes dar?” (v. 10). Ergueu os braços e, com a vara, feriu duas vezes a rocha diante do povo. A água fluíu abundantemente, a sede generalizada foi satisfeita e o problema foi resolvido.

Porém, novo problema surgiu para os dois irmãos. O Senhor disse a eles: “Como vocês não confiaram em Mim para honrar Minha santidade à vista dos israelitas, vocês não conduzirão esta comunidade para a terra que lhes dou” (v.12).

Moisés e Arão

A acusação de Deus contra Moisés e Arão mostra que eles não confiaram nEle nem O honraram diante dos filhos de Israel. A ironia da passagem é que a ordem divina foi no sentido de falar à rocha, mas Moisés falou ao povo. Foi dada a proibição de ferir a rocha, porém Moisés a feriu duas vezes. De que maneira esse duplo golpe na rocha está relacionado à acusação de Deus contra Moisés e Arão? Por que Arão também foi punido? O que é tão significativo no fato de a rocha ter sido ferida duas vezes?

Philip J. Budd enumera possíveis explicações. De acordo com ele, muitos eruditos bíblicos definem o pecado de Moisés como descrença, má vontade, precipitação ou mau humor e desobediência. Essa desobediência é frequentemente compreendida em termos de uma ação (bater; v. 11) contrastada com a ordem de falar (v. 8). Alguns propõem que a forma original da história foi suprimida.¹ Outros afirmam que Moisés se esqueceu da paciência de Deus demonstrada em Seu trato com o povo, e agiu como se a murmuração fosse dirigida a ele (Moisés).²

De certa forma, essas propostas ajudam, mas um retrospecto do passado daqueles dois irmãos revela que eles anteriormente cometeram erros semelhantes ou até mais sérios, no trato com as coisas de Deus (Êx 2:14; 4:18-26; Nm 12:11). Talvez haja mais coisas no texto do que aquilo que é considerado pelas mencionadas propostas de explicação.

Pecado de omissão

Embora os dois irmãos deveriam trabalhar juntos, somente Moisés é visto falando, batendo e desobedecendo. No entanto, a respeito da

exclusão de Arão da Terra Prometida, Deus disse: “Arão será reunido aos seus antepassados. Não entrará na terra que dou aos israelitas, porque vocês dois se rebelaram contra a Minha ordem junto às águas de Meribá” (Nm 20:24). Se foi Moisés quem falou e bateu na rocha, por que Arão também foi conhecido como rebelde?

Provavelmente Arão cometeu o pecado de permanecer inativo, omissivo ou silente quando viu Moisés desobedecendo, o que contraria o exercício da função que ele devia exercer, ou seja, falar por Moisés e ser seu profeta (Êx 4:16, 30; 7:1, 2). O silêncio comunica uma extensa variedade de emoções, atitudes e situações. Por exemplo, expressa respeito e temor (Jó 29:21; Hc 2:20), lealdade (Is 36:21), profunda reflexão (At 15:12), reconhecimento de culpa (Jó 13:19; Rm 3:19), medo de falar algo errado (Sl 39:2), sabedoria (Jó 13:5; Pv 17:28). Também pode revelar infidelidade (Et 4:14), medo (Jó 31:34; At 18:9), sofrimento profundo (Jó 2:13; Lm 2:10), rebelião (Sl 32:2, 3; Mc 3:4). Há ocasiões em que o silêncio é apropriado (Ec 3:7), há também algumas vezes em que não devemos silenciar diante do mal (Is 58:1; 62:6).

De acordo com Ellen G. White, Arão falhou em exercer seus deveres sacerdotais e representar nosso grande Sumo Sacerdote: “Foi o caráter exaltado daquele sagrado ofício, como representante de nosso grande Sumo Sacerdote, que tornou o pecado de Arão em Cades de tamanha magnitude.”³ Em Números 20:8, o verbo “falar” é tradução da forma verbal hebraica *pi’el*, que expressa intensidade; consequentemente, o verbo pode ser traduzido como: “Vocês falem repetidamente”. O texto hebraico original implica que de Arão também foi requerido falar, mas ele silenciou. O verso 24 indica que Deus reconheceu o silêncio de Arão como aprovação à rebeldia de Moisés contra a ordem dada no episódio das águas de Meribá. O verbo hebraico

meriytem (“rebelião”) é plural e, assim, remonta a um antecedente envolvendo os dois irmãos.

Assim, temos duas possíveis soluções para entender a razão pela qual Deus considerou Arão responsável pelo pecado em Meribá. Primeira, alguns eventos da narrativa são suprimidos e não conhecemos a história completa. Segunda, talvez Arão falhou em ser porta-voz de Deus, e seu silêncio de aprovação ao erro de Moisés foi a causa de sua morte – o silêncio final. É importante lembrar que os filhos de Eli morreram porque tiveram comportamento impróprio em relação ao sistema sacrificial estabelecido por Deus. O sistema prefigurava o sacrifício de Cristo em favor dos pecadores (1Sm 2:12-17; 2Sm 2:28-34; 4:1-11; ver também 2Sm 6:6, 7; Ez 44:12; Ml 2:7, 8). As duas opções não podem ser minuciosamente tratadas aqui, mas a segunda parece ser a mais biblicamente aceitável.

O pecado de silenciar em face do mal é conhecido na Bíblia. Ezequiel 33:2-7 relata o trabalho do atalaia, que devia advertir o povo diante do perigo. Se uma pessoa ouvisse a advertência, não atendesse e, consequentemente, morresse, seu sangue recairia sobre a própria cabeça. Porém, caso o atalaia percebesse a aproximação do perigo e não avisasse, permanecendo em silêncio, e alguém morresse, Deus o responsabilizaria pelo sangue dessa pessoa. Nesse texto, o atalaia é visto como pecador, por causa do seu silêncio em não advertir outras pessoas (ver também Lv 10:1-3; 19:17; Is 58:1; 62:6; Jr 4:19; Sl 39:2; 1Pe 2:15). Assim, Arão aparece culpado de silenciar e não impedir que Moisés desobedecesse a Deus.

Pecado de ação

No que se refere a Moisés, ele foi proibido de entrar na Terra Prometida, provavelmente porque feriu a rocha duas vezes (Nm 20:11). A palavra hebraica traduzida como “rocha” em Números 20:11 deriva da raiz da

palavra *sela*. O termo é comum no Antigo Testamento, onde aparece 56 vezes. A palavra *sela* é usada alternadamente com outro termo hebraico para rocha: *s)ûr*. Na Bíblia hebraica, *sela* também é um nome de Deus (2Sm 22:2; Sl 42:10). Essa palavra simboliza o cuidado, a permanência, provisão e proteção imutáveis de Deus para com Seu povo (Sl 71:3; 78:14-16; Is 32:2).⁴

“O profeta Isaías chama o Messias de Jeová ‘pedra de tropeço’ (Is 8:14). O Novo Testamento identifica essa pedra de tropeço como Jesus de Nazaré, que abate e humilha alguns até ao arrependimento e esmaga os rebeldes em julgamento (Mt 21:42-44; Rm 9:32, 33; 1Pe 2:6-8). O apóstolo Paulo compreendeu que a rocha de provisão durante a peregrinação israelita no deserto era a mesma pedra, Jesus Cristo pré-encarnado (1Co 10:4).”⁵

Consequentemente, se a rocha mencionada em Êxodo 17:1-7 prefigurava Cristo, alguém pode concluir que a rocha de Números 20:11 também aponta figurativamente para Jesus. Então, a batida na primeira rocha foi uma projeção profética da crucifixão de Jesus; mas a batida na segunda rocha confundiu essa projeção.⁶ A maioria dos eruditos bíblicos concorda em que a batida na rocha de Êxodo 17:1-7 apontava profeticamente para a morte de Jesus. Seguindo a mesma linha de raciocínio, alguém pode introduzir a mesma fórmula interpretativa para compreender o duplo golpe na segunda rocha, e sugerir que isso confundiu a projeção profética da primeira pelo fato de prefigurar a morte de Cristo duas vezes.

Joseph T. Lienhard e Ronnie J. Rombs relatam que, de acordo com Agostinho, o duplo golpe desferido contra a rocha prefigura os dois pedaços de madeira com que a cruz foi confeccionada. Cesário de Arles concorda com Agostinho e afirma que a rocha foi golpeada uma segunda vez porque duas árvores foram levantadas para o patíbulo da cruz: numa

foram estendidas as sagradas mãos de Cristo; na outra, foi estendido Seu corpo imaculado, da cabeça aos pés.⁷

Ellen G. White afirmou: “Por seu ato precipitado, Moisés tirou a força da lição que Deus Se propunha ensinar. A rocha, sendo um símbolo de Cristo, fora ferida uma vez, assim como Cristo uma vez seria oferecido. A segunda vez, era necessário apenas falar à rocha, assim como temos apenas de pedir bênçãos em nome de Jesus. Ferindo-se pela segunda vez a rocha, foi destruída a significação desta bela figura de Cristo.”⁸

Assim, muito provavelmente, Arão foi excluído da Terra Prometida por haver permanecido em silêncio, mesmo vendo que Moisés cometia um erro. Deus considerou esse silêncio rebelião (Nm 20:24). Moisés foi privado da Terra Prometida por ter confundido o símbolo da crucifixão. Essa conclusão é apoiada na base de fatores linguísticos e intertextuais.

A narrativa aponta claramente que a regra áurea de aplicação dos pormenores da Palavra de Deus deve ser seguida plenamente. Não podemos escolher os detalhes da Palavra de Deus conforme nossas conveniências. Os mandamentos e as doutrinas de Deus devem ser obedecidos seriamente e com exatidão, conforme nos mostram as consequências dos pecados de Moisés e Arão. ▀

Referências:

- ¹ Phillip J. Budd, *Numbers, Word Biblical Commentary* (Dallas, TX: Word Books, 1984), v. 5, p. 218.
- ² *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, v. 1, p. 891.
- ³ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 426.
- ⁴ Andrew E. Hill, *New International Dictionary of Old Testament Exegesis*, v. 3, p. 267.
- ⁵ *Ibid.*, p. 793.
- ⁶ Joseph T. Lienhard e Ronnie J. Rombs, *Ancient Christian Commentary on Scripture Old Testament* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2001), v. 3, p. 239.
- ⁷ Ver H. L. Ellison, *Exodus, The Daily Studies Bible Series* (Louisville: Westminster John Knox Press, 1982), p. 92; Joseph T. Lienhard e Ronnie Rombs, *Op. Cit.*, p. 90; John Wesley, *Wesley's Notes: Exodus 4:17* (Logos Library Sistem; Wesley's Notes Albany, 1999); J. Vernon McGee, *The Law Exodus 1-18, Thru the Bible Commentary* (Nashville: Thomas Nelson, 1991), v. 4, p. 152.
- ⁸ Ellen G. White, *Ibid.*, p. 418.



A psicologia dos mártires

Quais foram os motivos que levaram tantos fiéis filhos de Deus a sacrificar a própria vida?

Mártir (do grego *martys*, “testemunha”) é alguém que é morto por causa de sua fé, pelo simples fato de professá-la. A princípio, o termo era aplicado aos cristãos que sofriam torturas ou a morte por sustentar suas crenças. No entanto, com o passar do tempo, a palavra adquiriu outros conceitos. Morrer pela pátria, pela liberdade, pela independência, pela autonomia de um povo, por um ideal social ou político, ou até mesmo em uma guerra, são ideias que passaram a fazer parte do significado da palavra mártir. O foco deste artigo, porém, são os mártires cristãos.

Quando pensamos nos mártires do cristianismo, quase sempre nossa mente se reporta ao Coliseu, aos cristãos sendo lançados às feras ou às fogueiras nas quais eram queimados vivos. Embora essas fossem formas frequentes de martírio, não eram as únicas. Na verdade, quando estudamos as torturas infligidas aos cristãos ao longo da História, é difícil acreditar e entender como o ser humano é capaz de chegar a tal ponto de frieza e crueldade. A fim de se ter uma pálida ideia do que implicava alguém tornar-se um mártir, estão relacionadas a seguir algumas das formas de suplício aplicadas aos cristãos.



Instrumentos de tortura

Cruzes, estacas e suspensão. À semelhança de Cristo, a pessoa era pregada ou amarrada a uma cruz ou estaca. Para intensificar o sofrimento, as posições variavam: de cabeça para cima ou para baixo; pendurados pelos braços ou pés, com ou sem pesos ou

pedras amarrados; e pelos cabelos, no caso das mulheres. Em algumas ocasiões, o mártir era coberto com mel e então suspenso numa estaca ou poste para ser atormentado por moscas e abelhas ao sol, ou, ao contrário, era posto na terra nessa mesma condição, a fim de ser mordido por formigas.

Rodas. Eram variadas. Em alguns casos, o mártir era amarrado a uma grande roda em formato cilíndrico, que era solta a certa altura sobre terreno pedregoso. Outras vezes, eram amarrados a uma roda estreita que girava sobre uma plataforma cravejada com pontas de ferro, de modo que o mártir era mutilado à medida que a roda girava.

Estiramento e esmagamento. O indivíduo era preso pelos braços a uma estaca e pelos pés a uma talha (uma máquina simples baseada num sistema de roldanas, acionada manualmente). Ao passo que a talha era acionada, o corpo era esticado a ponto de deslocar os ossos. Também utilizando uma talha, ou pedra enorme, alguns iam sendo esmagados aos poucos.

Uso do fogo. Os torturadores eram pródigos no uso do fogo. Em um dos tipos de tortura, o mártir era lançado de cabeça em um caldeirão cheio de chumbo fundido ou óleo fervente. Alguns eram literalmente fritos em panelas ou chapas aquecidas, adaptadas ao seu tamanho. Havia também o chamado touro de bronze, que consistia numa escultura oca, em cujo interior (semelhante a um forno) o condenado era posto para morrer assado, após serem acesas as chamas na parte inferior do animal. Segundo a tradição, Antipas, mencionado em Apocalipse 2:13, foi martirizado assim.

Esfolamento. Sem dúvida, uma das mais cruéis formas de tortura. Nesse caso, o mártir era amarrado e esfolado (tinha sua pele retirada) vivo. A tradição conta que o apóstolo Bartolomeu foi submetido a essa forma de suplício.

Outros tipos de tortura. Faltaria espaço para descrever cada tipo de tortura, método ou os instrumentos fabricados para esse fim contra os cristãos na Antiguidade e no período da Idade Média. É horrendo observar a inteligência e criatividade humanas para o mal, mesmo numa época de profundo atraso intelectual. Outras formas de martírio eram: Afogamento (o mártir era preso em uma caixa

de chumbo e atirado aos rios), perfurações (prendia-se o indivíduo e perfurava-o com lanças, espadas, estacas pontiagudas, punhais, etc.), amputação (os membros eram amputados um a um, com auxílio de machados, lâminas ou serras), espancamento, apedrejamento, uso de espinhos e farpas sob as unhas, entre outras.

Os relatos de martírio de cristãos revelam algo intrigante. Boa parte dos que eram torturados e assassinados por sua fé, passavam seus últimos momentos cantando, louvando a Deus ou orando. Em alguns casos, enquanto morriam, encorajavam os que assistiam a cena a serem fiéis a Deus, fazendo do local de martírio uma espécie de púlpito.

“De tudo o que puderam deixar como herança, o maior legado dos mártires foi seu exemplo de fé, coragem, amor e fidelidade a Deus”

Entendendo o mártir

Como entender a mente de um mártir? O que faz um ser humano, diante das mais cruéis torturas, manter firmes suas crenças? Qual o segredo pelo qual pessoas frágeis – mulheres, idosos, pobres sem expressão – eram capazes de se colocar diante de reis e imperadores, juízes e autoridades com ousadia invejável? Que força era aquela que, no calor da fogueira, sentindo as chamas a carbonizar seu corpo, era capaz de entoar as mais belas canções de louvor? Qual a psicologia de um mártir? Se pudéssemos entrar em sua mente e examinar as profundezas de seu coração, o que encontraríamos? Qual a razão de tanta coragem e força sobre-humanas. Qual a mola propulsora que impeliu milhares de cristãos, ao longo dos séculos, a trilhar um caminho de lágrimas, sangue e morte?

Faz parte do mecanismo natural de defesa da maioria dos seres vivos recuar diante do sofrimento. Desde

muito cedo, aprendemos, na prática, o que isso significa. Qualquer criança que insista em “cutucar” os bolos feitos por sua mãe, mais cedo ou mais tarde, vai se deparar com a realidade de que o fogo, ou o calor, queima. A primeira reação natural diante da sensação de queimadura é retirar imediatamente o dedo, afinal ninguém quer ser queimado.

Fugir de situações que oferecem risco à integridade física não é necessariamente um ato de covardia; faz parte do instinto de sobrevivência. Deus nos dotou desse instinto a fim de sobrevivermos neste mundo hostil e perigoso, após o pecado.

Contudo, o que impressiona é que o caso dos mártires contradiz a lógica da biologia. Ao invés de recuar diante do sofrimento, eles iam ao seu encontro. Ao invés de fugir, se submetiam, mesmo diante da possibilidade de evitar o martírio. Como entender?

Ao se analisar a história dos mártires cristãos, as declarações de alguns deles momentos antes de morrer e os relatos de testemunhas oculares, nota-se que sua consciência era bem clara com relação a algumas questões existenciais.

Senso de identidade (“Quem sou?”). Os que morriam por sua fé tinham convicção de quem eles eram. Tinham certeza de sua filiação – eram filhos de Deus (Jo 1:12) –, bem como de sua cidadania – sua verdadeira pátria era o Céu (Fp 3:20).

Senso de origem (“De onde vim?”). Os mártires criam que eram fruto da criação de Deus. Estavam cientes de estar devolvendo-Lhe, em louvor, a vida que dEle receberam. Não eram os algozes cruéis os donos de sua existência, mas o Deus Criador.

Senso de propósito ou missão (“Por que estou neste mundo?”). Os cristãos sabem – ou deveriam saber – que não estão neste mundo simplesmente por estar; há um propósito, uma missão: ser testemunhas de Deus e conduzir outros a Ele. Esse senso de missão gerava nos mártires um forte sentimento de dever, a ponto de, se preciso fosse, depor a vida no seu cumprimento.

Senso de destino (“Para onde vou?”). Ao contrário dos gregos, que acreditavam que a História vai e volta num movimento cíclico, como uma eterna roda gigante, judeus e cristãos sempre acreditaram que o tempo é linear. Isso significa que viemos de algum ponto no tempo e caminhamos rumo a outro ponto. A História, na visão judaico-cristã, também é climática, o que quer dizer que chegará a um clímax, a um ponto culminante. De acordo com a Bíblia, o ponto culminante da História é o momento em que Cristo voltará à Terra para colocar fim ao reinado do mal e estabelecer Seu governo eterno. Nesse paraíso tomarão parte os que permanecerem fiéis. Saber disso dava aos mártires o conforto necessário para abrir mão do que fosse preciso no presente, visando ao futuro.

Foco

Conhecer os assuntos nos quais se concentravam, ou seja, o foco de seus pensamentos, também nos ajuda a entender o que se passava na mente dos mártires.

Na eternidade. Os mártires cristãos tinham consciência de que sua vida neste mundo, por maior que fosse a duração ou o sofrimento, jamais poderia ser comparada à eternidade. Ao morrer por sua fé, sabiam que estavam trocando o finito pelo ilimitado, o escasso pelo incalculável.

Na recompensa. Embora os cristãos sinceros não O sirvam por interesse, Deus promete recompensas aos fiéis. A maior delas, sem dúvida, é a vida eterna num mundo perfeito. Manter o foco nessa recompensa ajudava os mártires a transferir seu olhar das chamuscas que os consumiam e das feras que os dilaceravam para a glória do mundo por vir e suas alegrias.

Em Deus. A comunhão com Deus era o segredo fundamental por trás da resistência e perseverança dos mártires do passado. Os que morriam por amor a Cristo O conheciam, pois mantinham com Ele um relacionamento pessoal e diário. Orar, memorizar textos bíblicos e cantar

hinos de louvor a Deus era parte da rotina dos antigos cristãos. Essa intimidade com o Eterno fazia com que não hesitassem no sentido de entregar a vida. Viver ou morrer para a glória de Deus era sua aspiração.

Ressurreição e Espírito Santo

Além dos elementos subjetivos mencionados acima, é importante destacar que a coragem dos mártires também era baseada em um fato histórico: a ressurreição de Jesus. Por que pessoas sofreriam, voluntariamente, execuções horríveis, quando podiam evitá-las, simplesmente renunciando sua fé? A única resposta plausível – especialmente no caso dos apóstolos e dos cristãos do primeiro século – é que essas pessoas tinham absoluta convicção de que Cristo realmente havia morrido e ressuscitado dentre os mortos, comprovando assim ser o Filho de Deus.

Essa evidência se torna ainda mais contundente quando consideramos o fato de que aqueles discípulos não obteriam nenhuma vantagem em sustentar seu testemunho, caso fosse mentira. Muito pelo contrário, o resultado de manterem sua confissão seria – como foi – perseguição e morte. A certeza da ressurreição de Cristo foi, senão a principal, uma das maiores motivações do martírio cristão.

Sem a atuação do Espírito Santo, convicção alguma seria capaz de suportar tamanho sofrimento até o fim diante da possibilidade de renúncia. Em última análise, é Deus, através de Seu Espírito, quem fortalece o mártir. De acordo com Jesus, é Ele quem põe as palavras certas nos lábios dos que são levados a depor diante das autoridades (Mt 10:19,20). O mesmo Deus os reveste da força necessária para enfrentar o julgamento, a tortura e, por fim, a morte (2Tm 4:17). Assim, a razão maior da força e coragem dos mártires vinha do Céu.

Talvez você já tenha feito essa pergunta, ao ouvir a história dos mártires do cristianismo. Mas, para dar uma resposta satisfatória a essa questão, precisaríamos abordar o

tema da origem do mal, do grande conflito e do porquê do sofrimento, e esse não é o foco deste artigo. O que podemos dizer aqui é que a morte daqueles heróis da fé faz parte de um enredo muito mais amplo do que nossa mente é capaz de entender. Aspectos como a soberania de Deus e o caráter e fidelidade dos próprios mártires eram pontos que estavam em jogo. Além disso, é incontestável o fato de que o testemunho de fé dessas pessoas contribuiu decisivamente para a salvação e encorajamento de milhares de outros cristãos através dos séculos, bem como daqueles que tiveram que enfrentar situações semelhantes na defesa da verdade.

Legado

De tudo o que podiam deixar como herança, o maior legado dos mártires foi seu exemplo. Exemplo de fé, coragem, amor e fidelidade a Deus. Foram espetáculo ao mundo, mantiveram sua confissão, derramaram o sangue pela Causa e foram heróis. Heróis que, sem espada, conquistaram reinos; conquistaram o medo, conquistaram a si mesmos, conquistaram o mundo e, acima de tudo, a eternidade. Seus nomes, na maioria, permanecem no anonimato entre os homens, mas no Céu, com certeza, estão na galeria dos grandes vencedores de todos os tempos.

Por fim, a pergunta mais importante é: E nós? Teríamos a mesma coragem que eles? Se nos confrontássemos com o calibre de uma escopeta e o dilema de permanecer fiéis a Cristo e morrer ou negá-Lo e viver, qual seria nossa decisão? Se você titubeou em sua resposta, é hora de rever sua vida cristã. Qual tem sido sua real motivação para servir a Cristo? Qual o grau de intimidade que julga ter com Ele? Onde está seu foco? Estão claras em sua mente as quatro questões existenciais (“Quem sou?”, “De onde vim”, “Por que estou neste mundo?” e “Para onde vou?”)? É seu sincero desejo honrar a Deus, quer pela vida ou pela morte? Pense nisso. ▀



Editor do Comentário
Bíblico Adventista do Sétimo
Dia, Casa Publicadora
Brasileira. Tatuí, SP

O oitavo império

Os símbolos proféticos
de Apocalipse 17 e os
poderes militares



O capítulo 17 é uma das seções mais desafiadoras e, ao mesmo tempo, mais fascinantes do livro do Apocalipse. Um dos anjos que têm as sete taças da ira de Deus (Ap 16) revela o “julgamento da grande meretriz” (Ap 17:1).

A meretriz não tem sido ponto de discussões como o é a identidade da besta e de seus chifres. Uma vez que uma besta, também de sete cabeças e dez chifres, é descrita em Apocalipse 13:1 e se torna uma figura predominante no livro, a identificação do poder por trás desse símbolo de Apocalipse 17 oferece grandes dificuldades.

A interpretação preterista abraçada “pela maioria dos exegetas” relaciona a besta escarlata com o império romano, cuja capital foi considerada a “cidade das sete colinas”, como sugere o v. 9.¹ Alguns veem essa besta

como símbolo dos poderes seculares históricos e o oitavo rei como um retorno do sétimo poder, ou seja, “Roma papal”.²

Ekkehardt Mueller relaciona a besta (Ap 17) com o dragão “vermelho” (Ap 12), sendo, portanto, uma referência ao próprio diabo.³ Outros ainda pontuam que a besta deve representar uma confederação de poderes civis e militares.⁴

A multiplicidade de interpretações reflete a complexidade da visão. Um dos desafios está no fato de diversos símbolos serem descritos como “besta” (ver Ap 11:7; 13:1, 11; 17:3). A palavra grega *therion* ocorre 38 vezes no livro, sendo traduzida sempre como “besta”, exceto em 6:8. Um dos caminhos para solucionar problemas de Apocalipse 17 é tentar distinguir essas bestas.

As interpretações que relacionam a besta “escarlata” com a primeira do capítulo 13 (Roma papal) esbarram num problema claro: por fim (17:16), a besta “escarlata” e os “reis da terra” destroem a meretriz (o poder religioso romano), o que requer a distinção das duas bestas. O contexto das sete pragas no qual se visualiza a meretriz e a besta escarlata é fator essencial na interpretação dos símbolos. Além disso, é preciso relacionar Apocalipse 17 com outras visões do livro e buscar elementos simbólicos paralelos.

Apocalipse 17 tem três partes principais: a fala do anjo ao profeta (v. 1, 2); a visão dos símbolos (v. 3-6); e uma nova fala do anjo (v. 7-18). A visão é claramente simbólica, mas as duas falas do anjo devem ser consideradas como explicação e, portanto, são literais e temporais, no sentido

de que elas desvendam os símbolos e ocorrem no tempo e nas circunstâncias do profeta.⁵ O anjo usa os verbos no passado ao tratar da identidade da meretriz em termos de seus pecados. Com ela se “prostituíram os reis da terra” e se “embebedaram os que habitam na terra” (v. 2). Essa prostituição indica idolatria. Mesmo Jerusalém foi descrita como prostituta por causa da idolatria (ver Ez 16, 23; Jr 51).

Na segunda fala, ao tratar da identidade da besta, o anjo usa verbos nos três tempos fundamentais. Ele diz que “caíram” cinco dos “sete reis”, um “existe” e outro ainda virá (v. 10). Ele também diz que os “dez reis” ainda não tinham recebido reino, mas receberiam (v. 12). E completa: esses dez reis e a besta “pelejarão” contra o Cordeiro (v. 14) e “odiarão” a meretriz (v. 16).

Juízo de investigação

Apocalipse 17 faz parte do conjunto de visões relativas às sete pragas (Ap 15:5–18:24), intitulado “Deus vinga Seu povo”. As visões começam com uma cena do santuário celestial em que o término da mediação é indicado (Ap 15:5-8).⁶ Essa seção mostra o juízo de Deus sobre os “portadores da marca da besta” (16:2; cf. 14:9, 10) e a “meretriz” (Ap 17 e 18). A vingança divina sobre a besta (escarlate), o falso profeta e o dragão ocorre depois (Ap 19:20, 21; 20:10).

O anjo que fala a João é um dos “que têm as sete taças”, e o “juízo” (17:1) é uma explicação sobre as pragas. Todas as pragas são narradas em linguagem literal, exceto a sexta (Ap 16:12-16), que fala do secamento das águas do Eufrates. Paulien considera Apocalipse 17 como “uma exegese” de Apocalipse 16:12-16, devendo ser considerados uma unidade. Assim, nessa praga, a queda da Babilônia mística é representada pela queda da Babilônia antiga, quando Ciro desviou as águas do Eufrates e surpreendeu Belsazar em seu banquete (Dn 6).

A sexta praga sugere o desfecho do Armagedom (16:16), uma luta entre poderes seculares e religiosos unidos contra os fiéis. No auge desse conflito, Deus interfere, provocando a queda da Babilônia, o que vai confundir a coalizão político-militar inimiga. A queda do poder religioso dessa coalizão é, portanto, o efeito da sexta praga, detalhada no capítulo 18:2, 8 e 9 (cf. 17:16).

O julgamento (gr. *krima*, sentença, punição) em Apocalipse 17:1 deve ser relacionado ao grande conflito. Os resultados dessa sentença repercutem até o Céu. Depois do julgamento, o profeta ouve “numerosa multidão” no Céu, dizendo: “Verdadeiros e justos são os Seus juízos, pois julgou a grande meretriz” (Ap 19:1, 2).

Isso permite considerar a visão da queda da Babilônia como uma sequência de juízo de investigação seguido de execução. A fim de justificar a sentença, diante do universo, Deus investiga a situação com uma testemunha terrena. Essa atitude divina é comum; ocorreu com Adão e Eva (Gn 3:9), Caím (4:10), os antediluvianos (6:5), os edificadores de Babel (11:5) e Sodoma e Gomorra (19:1).⁷

Assim, o capítulo 17 apresenta um expediente de investigação, com a descrição das obras da meretriz: ela “prostituiu” e “embebedou” a terra, com o “vinho de sua devassidão” (v. 2) e com as “imundícias da sua prostituição” (v.4). O capítulo 18, por sua vez, descreve a punição: a meretriz é flagelada e consumida no fogo (v. 8).

Visões paralelas

A relação do juízo da meretriz com a sexta praga possibilita mais clara identificação das entidades por trás dos símbolos de Apocalipse 17. Nessa praga, o mundo está polarizado em dois grupos: a) os inimigos de Deus que reúnem o dragão, a besta e o falso profeta (16:13) e ainda os “reis do mundo inteiro” (16:14); e b) o remanescente que “vigia e guarda” para andar retamente diante de Deus (16:15). Ao guerrear contra o

remanescente, os inimigos desafiam o “Deus Todo-Poderoso” (16:14).

No Armagedom, portanto, os inimigos de Deus reúnem os poderes religiosos do dragão, da besta e do falso profeta (cristãos professos e espiritualistas) e os poderes políticos e militares (os “reis do mundo inteiro”).

Esses dois grupos são representados diversas vezes no Apocalipse, porém mais claramente no clímax do grande conflito descrito em Apocalipse 13, 16 e 17. No capítulo 13, o grupo opositor é representado pela primeira besta curada de sua ferida mortal e pela besta de dois chifres (ver 13:11-17). No capítulo 17, o mesmo grupo é representado pela meretriz e a besta escarlate. Do capítulo 13 para o 17, há uma progressão em que a entidade representada pela primeira besta é reduzida a um poder apenas religioso e incorpora “espiritismo” e “protestantismo”, como sugerido em 16:13; por sua vez, a besta de dois chifres passa a incorporar “os reis da Terra” (16:14; 17:12, 16).

Essa progressão das entidades justifica uma mudança nos símbolos. De forma que, no capítulo 17, a “besta de dez chifres” é substituída pela “meretriz”, e a “besta de dois chifres” é substituída por outro símbolo (a besta escarlate ou oitavo rei). Essa troca de símbolos é comum na profecia apocalíptica. Em Daniel 2, os impérios babilônico, persa, grego e romano são representados pela estátua de ouro, prata, bronze, ferro e barro. A mesma sequência é retratada em Daniel 7 por quatro animais: leão, urso, leopardo e o quarto animal. Já em Daniel 8, dois deles são representados por um carneiro e um bode, e um “chifre pequeno” acrescena o poder papal.

Assim, considerando o contexto comum do clímax do grande conflito e do Armagedom, em que os inimigos de Deus assumem essa composição político-religiosa, os capítulos 13 e 17 de Apocalipse podem ser postos em paralelo, de modo que a primeira besta está para a meretriz, assim como a besta de dois chifres está para a besta escarlate.

Identidade da besta

Em seus aspectos visuais, a besta de Apocalipse 17 é “escarlate” (v. 3), enquanto que a primeira besta tem semelhança com leopardo, urso e leão (13:2; ver Dn 7). Deve-se notar também que o dragão é “vermelho” (12:3) como a besta escarlate. Assim, uma relação entre a besta escarlate e o dragão fica sugerida. No entanto, isso não esgota o símbolo, já que animais e bestas representam poderes políticos seculares.

O anjo explica que as sete cabeças são “sete montes” e “sete reis” (v. 9). A interpretação de que os “montes” são as sete colinas de Roma contraria a lógica de que a besta e a meretriz representam realidades distintas. A palavra grega *oros* deve ser traduzida por “montes” ou “montanhas”, mas a NVI a traduz por “colinas”. Johnson diz que, nesse caso, “uma exegese prévia influenciou a tradução”. Ele argumenta ainda que esses símbolos “pertencem à besta [poder político] e não à meretriz [poder religioso]”.⁸ Na mentalidade hebraica, “montes” são reinos. Em um paralelismo, Isaías usa de forma intercambiável “montes” e nação: “Porque de [a] Jerusalém sairá o [b] restante, e do [a'] monte Sião, o que [b'] escapou” (Is 37:32; ver também Sl 48:2; Jr 51:25, Dn 2:35; 9:20, Zc 4:7). O mesmo ocorre com o termo “rei”, que os judeus usavam como equivalente de “reino” (ver Dn 7:17; 8:21, 23).

Assim, “montes” e “reis” apontam para os impérios representados nas cabeças da besta. Como a explicação do anjo (v. 10) é feita da perspectiva temporal do profeta, no primeiro século, cinco deles já tinham se passado (Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia), um existia (Roma) e o sétimo ainda viria (Roma papal).

A afirmação de que o sétimo reino teria de durar “pouco” (1260 anos!) pode ser entendida da perspectiva da garantia da vitória dos fiéis de Deus alcançada na cruz e não do ponto de vista do tempo cronológico. O adjetivo “pouco” (gr. *oligon*, v. 10) é usado em Apocalipse, ao se afirmar

que o diabo, após a cruz, sabia que tinha “pouco tempo” (*oligon kairon*, 12:12). Por outro lado, ao falar que o dragão será solto após o milênio, mas por “pouco tempo”, João usa *mikron krónon* (20:3), indicando uma extensão de tempo objetiva.

O anjo se refere à besta como quem “era e não é, está para emergir” (v. 8, 11). A relação entre a besta escarlate e a primeira besta (13:1) é feita ao se deslocar essas palavras para o período posterior a 1798, quando Roma papal tinha perdido seus poderes políticos com a revolução francesa. No entanto, sendo que as duas bestas devem representar entidades diferentes, a fala do anjo pode ser uma paródia em relação à pretensão do dragão, com quem essa besta se relaciona, de ser como Deus, “Aquele que é, que era e que há de vir” (Ap 1:4, 8; 4:8).

O oitavo rei

Em Apocalipse 17:11, o anjo anuncia o oitavo elemento, de natureza semelhante aos reis representados pelas sete cabeças: “E a besta [...] também é ele, o oitavo rei, e procede dos sete” (v. 11). O texto grego diz, literalmente: “ela [a besta] mesma é o oitavo”.

Ao dizer que cinco eram passados, um existia e o sétimo viria (v. 10), o anjo sugere uma relação consecutiva entre os oito poderes. Além disso, ele acrescenta que o oitavo “procede” (gr. *ek*, denota “origem”) dos sete. Nesse caso, se os reis são os impérios mundiais, um oitavo império é previsto. Retomando o paralelo estabelecido anteriormente, em Apocalipse 13:11, a besta de dois chifres aponta para o império americano, de procedência europeia. Assim, o oitavo rei poderia ser o último império a exercer poder global.

A relação entre o “oitavo rei” e o império americano se amplia à luz do cenário escatológico comum provido por Apocalipse 13, 16 e 17. A besta escarlate “leva” (17:7; gr. *bastazw*, “carregar”, “conduzir”) a meretriz nela “montada” (v. 3). Em Ap 13:14, a besta de dois chifres faz uma imagem à primeira besta e restaura sua feri-

da. Isto é, a segunda besta se coloca à disposição e a serviço da primeira.

A besta escarlate, que também é o oitavo rei (17:11), lidera os “dez chifres” ou “dez reis” (nações modernas descendentes dos bárbaros que tomaram o Império Romano) em sua investida contra o Cordeiro (17:14). Os que “habitam na Terra” (13:14) e os “reis do mundo inteiro” (16:14) são liderados pela besta de dois chifres.

No entanto, no clímax do conflito, as mensagens angélicas proclamadas pelo remanescente, na chuva serôdia, vão provocar o desmascaramento da meretriz, contribuindo para sua queda. A secagem das “águas” aponta para a retirada do apoio das nações à Babilônia (13:14; 16:14; 17:12, 13, 15). As nações antes unidas em favor dela não só deixarão de apoiá-la, mas vão odiá-la e destruí-la (17:16). A ira de Deus sobre a meretriz será executada por meio dos próprios aliados dela. No Antigo Testamento, Deus usou a Babilônia antiga para executar juízo sobre Judá (2Rs 24:1-20; Jr 20:4), e a Pérsia, para se vingar de Babilônia (Is 13:19; 34:14).

Diante dessas considerações, algumas conclusões podem ser sugeridas. Uma vez que se diz que a besta é “também” o oitavo, conclui-se que ela é cada um dos impérios representados por suas cabeças. A besta escarlate, portanto, pode representar o poder imperial que, ao longo da história, se opõe a Deus.⁹ A relação dela com o dragão vermelho (12:3) sugere os impérios mundiais como a materialização do governo de Satanás no mundo. “Cada cabeça da besta é uma encarnação parcial do poder satânico que governa o mundo por um período”.¹⁰ Eles pretendem ser permanentes e se opõem aos que seguem a vontade de Deus.

Todos os impérios afrontam a Deus, de alguma forma. O faraó do Egito questionou a Moisés: “Quem é o SENHOR ...?” (Êx 5:2). O rei assírio Senaqueribe afirmou que Senhor não poderia livrar Judá de suas mãos

(2Rs 18:13, 30-35). Nabucodonosor ameaçou os judeus: “Quem é o deus que poderá livrar-vos das minhas mãos?” (Dn 3:15). O persa Hamã quis exterminar os judeus porque seguiam as leis do Senhor (Êt 3:8). O seleucida Antíoco profanou o templo. Roma crucificou Cristo. Acerca de Roma papal, se indagaria: “Quem é semelhante à besta?” (Ap 13:4). Por sua vez, o poder americano fará com que a terra e seus habitantes “adorem” a primeira besta (13:12) e condenará à morte os que não fizerem isso (13:15).

No panorama escatológico do Apocalipse, o último poder político-militar de alcance global (13:12) a assumir atitudes imperiais como os sete anteriores é o império americano. Como as cabeças da besta são sete impérios mundiais, a oitava cabeça poderia ser, portanto, um poder político-militar.

Todos os impérios guardam certas relações entre si, sugerindo que são, ao longo da história, um poder comum, no sentido de que Satanás é o poder por trás das cabeças da besta.

O “Grande Selo dos Estados Unidos”, estampado na cédula de um dólar, evidencia a relação entre os impérios. O selo representa a integração de elementos culturais dos impérios egípcio, grego, persa, babilônico e romano no império americano. Seus principais elementos são: 1) a pirâmide truncada egípcia muito usada pela maçonaria; 2) o olho da Providência, ou o olho de Hórus, deus solar filho de Osíris e Ísis, na mitologia egípcia; 3) a águia de cabeça branca, que era o pássaro de Zeus na mitologia grega e representava a descida do deus à Terra na crença egípcia; e 4) as frases “*annuit coeptis*”, “*novus ordo seclorum*” e “*e pluribus unum*”, tirados de Virgílio, poeta romano. O desenho da águia, no selo, faz referência ao chamado “Faravahar”, um símbolo da luz celestial em torno dos reis e heróis da Pérsia. A capital americana exibe em sua arquitetura diversos símbolos e elementos artísticos provindos dos impérios antigos.¹¹

As culturas imperiais, portanto, compartilham valores, símbolos, ideais, mitos, crenças e, sobretudo, uma visão comum de seu papel na manutenção da ordem do mundo.¹²

A meretriz

É consenso que a mulher pura aponta para a igreja verdadeira tão claramente quanto a vulgar indica a religião corrompida. No entanto, se Apocalipse 17 e 18 apresenta um juízo de investigação seguido de execução da sentença, e sendo que em 18:24 se diz que a meretriz é culpada pelo sangue “de profetas, de santos e de todos os que foram mortos sobre a Terra”, ela devia existir antes da era cristã.

Além disso, observando os tempos verbais na visão, o anjo diz que com ela se “prostituíram” os “reis da Terra” (v. 2) e com seu vinho se “embedaram” os que “habitam na Terra” (v. 2). Os verbos conjugados no passado sugerem que a meretriz também embriagara os impérios, antes do primeiro século.

João vê a meretriz “montada” na besta (17:3), e o anjo diz que ela está “sentada” sobre povos e nações (17:1, 15). Ela também está “sentada” nos sete montes/impérios (v. 9; o verbo grego usado nestes versos é o mesmo: *kathemai*). Para Johnson, a “Babilônia é encontrada onde quer que haja engano satânico” e representa “a cultura do mundo separado de Deus”.¹³ A meretriz, nesse caso, pode representar uma religião perversa difundida em todos os impérios, embora tenha sua manifestação mais plena e final na Babilônia mística dos últimos dias.

O anjo diz que a meretriz embebedou os que “habitam na Terra” com seu vinho. Entre outras coisas, o vinho de Babilônia é a santidade do dia do sol e a “imortalidade da alma”, a mentira primordial.¹⁴

O culto do sol e a crença na imortalidade são encontrados em todos os impérios, desde o Egito. “O culto do sol era difundido e sua deificação foi uma fonte de idolatria em todo o

mundo antigo”.¹⁵ Richard Rives afirma que egípcios, assírios, babilônios, medos e persas, gregos e romanos foram todos adoradores do sol.¹⁶ A proibição feita por Moisés atesta da atração desse culto (Dt 4:19). Os rituais de embalsamamento mostram a força da crença na imortalidade, no primeiro império.¹⁷ Essas heresias foram, ao longo da história, como uma arma eficaz da meretriz para seduzir os povos.

Essa alternância do poder imperial, em que um império herda e mantém valores e conceitos dos anteriores, estando conectados, torna bastante apropriadas as palavras de Daniel a Nabucodonosor, acerca da pedra que caía nos pés da estátua, sendo *então* “esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro”, e “o vento os levou, e deles não se viram mais vestígios”. Mas “a pedra que feriu a estátua se tornou em grande montanha [reino], que encheu toda a Terra” (Dn 2:35, 45).

O reino de Cristo nada herdará dos antigos. Mas destruirá para sempre as heresias e as obras humanas que os impérios compartilharam ao longo da História. ▀

Referências:

- 1 Alan F. Johnson, in Frank E. Gaebelin, ed., *The Expositor's Bible Commentary*, p. 554.
- 2 Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ*, p. 515, 516.
- 3 Ekkehardt Mueller, *Parousia*, 1º semestre de 2005, p. 39.
- 4 Jon Paulien, *Armageddon at the Door*, p. 136, 212; Francis D. Nichol, ed., *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, v. 7, p. 851.
- 5 Jon Paulien, *Ibid.*, p. 214, 215.
- 6 Kenneth Strand, “The Eight Basic Visions”, p. 48, 49; Richard M. Davidson, “Sanctuary Typology”, p. 112, in Frank B. Holbrook, *Symposium on Revelation*, (1992).
- 7 Gerhard F. Hasel, “Juízo Divino”, in Raoul Dederen, *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia*, p. 908, 935.
- 8 Alan F. Johnson, *Ibid.*, p. 559, 560.
- 9 Ranko Stefanovic, *Ibid.*, p. 515.
- 10 Robert L. Thomas, *Revelation 8-22: An Exegetical Commentary*, p. 292.
- 11 David Ovason, *A Cidade Secreta da Maçonaria*.
- 12 Manly P. Hall, *The Secret Destiny of America*.
- 13 Alan F. Johnson, *Ibid.*, p. 554.
- 14 Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, v. 2, p. 68, 118.
- 15 William T. Olcott, *Sun Lore of All Ages*, p. 142.
- 16 Richard Rives, *Too Long in the Sun*.
- 17 Samuele Bacchiocchi, *Crenças Populares*, (Tatuí, SP: Casa Editora Brasileira), p. 50-60.

VOCÊ MERECE UM MOMENTO SUPERBOM



*Panqueca de
carne vegetal*

As proteínas vegetais Superbom,
reúnem ingredientes de altíssima
qualidade que proporcionam uma
alimentação saudável e equilibrada.



0% Gordura Trans

Rico em Fibras

Zero Colesterol

À base de Soja

Vegetale

GELEIAS

Amendô

PROTEÍNAS CEVADA

Kitô

SUCOS INTEGRÁIS

Soy Good

MELVILLE

Fruitt's

MELADO DE CANA

Glugs

Qualidade de vida é
Superbom

www.superbom.com.br



Compartilhe | SuperbomBR

GRATIDÃO E RECONHECIMENTO

Mais dois valorosos pastores entraram para a fase de jubilação do ministério. A eles a Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana expressa seu profundo reconhecimento pelo trabalho realizado, louva a Deus pelos frutos visíveis já colhidos e pelos outros, incontáveis, que serão conhecidos na eternidade. Com eles, partilhamos a certeza inabalável de que, “logo que o Supremo Pastor Se manifestar”, também lhes será concedida “a imarcescível coroa da glória” (1Pe 5:4).



O PASTOR ÊNIO DOS SANTOS NASCEU EM UMA FAMÍLIA DE PIONEIROS

ADVENTISTAS no Mato Grosso do Sul. Estudou no antigo IAE e, em 1968, voltou à terra natal, a fim de prestar o serviço militar. Ênio não pensava em ser pastor e passou a trabalhar na fazenda da família. Porém, certo dia, salvo da morte por afogamento, resolveu voltar para o colégio. No Instituto Adventista Paranaense, sentiu-se chamado para o ministério. Concluído o curso teológico no IAE, o pastor Ênio iniciou a carreira ministerial em janeiro de 1978 e trabalhou como pastor distrital, diretor de departamentos e administrador da igreja, nos estados de São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio Grande do Sul. Ao ser jubilado, era pastor na Associação Paulista Central. É casado com Sônia Rigoli dos Santos.



JUBILADO EM JANEIRO DESTE ANO, O PASTOR SILOÉ JOÃO DE ALMEIDA

concluiu a Faculdade de Teologia no antigo IAE, em 1976. Em julho do ano seguinte, deu início à carreira ministerial, que inclui trabalho desenvolvido nas áreas de evangelismo, educação, médico-missionária como diretor de planos de saúde e de hospitais em várias regiões do Brasil, liberdade religiosa e também na comunicação da qual foi diretor na Divisão Sul-Americana. Casado com Marisa Amorim de Almeida, tem três filhos (casados) e quatro netos. Na época da jubilação, o pastor Siloé trabalhava na Associação Paulista Central, onde foi diretor de Comunicação, Assuntos Públicos e Liberdade Religiosa, diretor da Rádio Novo Tempo, secretário ministerial e assistente da presidência.

Erramos: Ao contrário do que foi publicado na edição anterior, o pastor João Cláudio do Nascimento é casado com Zenaide Araújo do Nascimento.

22 de junho

Dia do Anciã



Jolard

Um discípulo que
faz discípulos

ORIGEM E TRANSMISSÃO DO TEXTO DO NOVO TESTAMENTO

Wilson Paroschi, Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, SP, Caixa Postal 330, 0800-727-8888, www.sbb.org.br, 325 páginas.

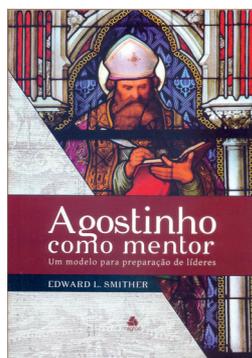


Aqui está uma introdução atualizada aos manuscritos bíblicos e edições críticas, bem como à história e prática da crítica textual. O livro permitirá que os leitores compreendam como o Novo Testamento se desenvolveu e reconheçam a importância das variações textuais. A pesquisa é abrangente, as informações são atualizadas, contendo exemplos

práticos. Neste livro, os leitores encontrarão um guia confiável sobre o assunto.

AGOSTINHO COMO MENTOR

Edward L. Smither, Editora Hagnos, São Paulo, SP, telefax: (11) 5668-5668, hagnos@hagnos.com.br, 319 páginas.



O autor analisa e articula a abordagem de Agostinho ao mentorear líderes da igreja, considerando os tempos atuais em que muitos reclamam da escassez de integridade, humildade, fidelidade, experiência espiritual elevada, fome espiritual e disposição de servir, por parte de muitos líderes. Embora a grande maioria dos estudos sobre

Agostinho seja sobre filosofia, teologia e história, este livro destaca seu ministério e sua teologia pastoral.

ELES GOSTAM DE JESUS, MAS NÃO DA IGREJA

Dan Kimball, Editora Vida, São Paulo, SP, tel.: (11) 2618-7000. www.editoravida.com.br, 271 páginas.

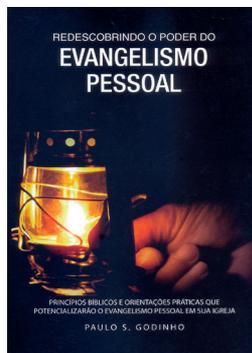


Muitas pessoas atualmente se revelam adeptas de quase tudo que seja ligado à espiritualidade. O “quase” é a exceção que colocam à igreja institucionalizada. Muitas dessas pessoas são jovens. Alguns, inclusive, deixam a igreja da qual faziam parte. Por que isso acontece? O que fazer para deter o êxodo? Neste livro, o leitor poderá se familiarizar

com as ideias e os sentimentos da assim chamada “geração emergente”, e encontrará sugestões sobre como se relacionar com ela, sem comprometimento da fé.

REDESCOBRINDO O PODER DO EVANGELISMO PESSOAL

Paulo S. Godinho, União Sudeste Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Niterói, RJ, Paulo. godinho@adventistas.org.br,



Embora a igreja deva utilizar todos os possíveis recursos tecnológicos na tarefa de evangelizar, jamais pode desprezar o trabalho pessoal. A igreja precisa do serviço de todos os membros para que seu crescimento seja quantitativa e qualitativamente saudável. Tendo isso em mente, o autor deste livro oferece sugestões práticas a fim de levar os

membros da igreja ao conhecimento dos próprios dons espirituais e, usando-os, cresçam espiritualmente e formem outros discípulos.



Rafael Rossi

Secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana

O notebook esquecido

Atrasado, cheguei ao Rio de Janeiro para uma programação especial na igreja da Barra da Tijuca. O voo demorou mais que o previsto. Durante a viagem, pequei o *notebook* para adiantar alguns trabalhos, inclusive escrever este artigo. Distraído com as ideias, nem percebi o tempo passar. Fiquei surpreso ao ouvir o pedido para que fechasse as mesas, pois o pouso estava autorizado. Fechei o *notebook* e o coloquei na bolsa do banco à frente.

O pouso foi tranquilo, mas o desembarque nem tanto. A plataforma de acesso ao avião travou e era impossível aproximá-la da porta. Enquanto os técnicos tentavam resolver o problema, alguns passageiros começaram a ficar impacientes. Eu estava com pressa, preocupado com o atraso para o encontro. Liguei o celular e ouvi o sinal enviado pelo encarregado de me buscar no aeroporto. Eu estava sentado na penúltima fileira do avião, o

que agravava mais a situação, pois seria um dos últimos a desembarcar. Passados alguns minutos, foi anunciada a autorização para o desembarque pela porta traseira, que logo se abriu possibilitando-nos sair pela escada móvel. Peguei minha mala no compartimento superior e deixei rapidamente o avião, na tentativa de ganhar tempo.

No portão de desembarque do aeroporto, alguém me esperava. No trajeto, paramos para encontrar mais duas pessoas que nos acompanhariam. A espera seria curta e, como eu precisava enviar uma mensagem eletrônica, resolvi aproveitar aquele pequeno espaço de tempo. Porém, ao abrir a mala, o *notebook* não estava lá. Lembrei-me, então, de que o havia deixado no avião, e comecei a longa jornada até conseguir entrar em contato com alguém da companhia aérea.

Antes, ouvindo meu lamento ao telefone, uma atendente do aeroporto tratou de me desanimar, prevendo que eu não o mais acharia. Depois de falar em vão com várias pessoas, alguém me deu o número do telefone

do gerente regional da empresa. Já em direção à igreja, telefonei-lhe expondo meu problema. Ele pediu o número do meu telefone, prometendo ligar em seguida. Para meu alívio, ele o fez, informando que estava com o *notebook* em mãos. Depois da programação na igreja, fui buscá-lo.

Não é boa a sensação que temos quando nos esquecemos de alguma coisa que não deveríamos ter esquecido. Porém, a sensação é infinitamente mais agradável quando a encontramos e conseguimos corrigir algo que nos traria muitos problemas.

Amigo pastor, refletindo sobre este incidente e sobre minha vida como um todo, lembrei-me de que existem coisas importantes que talvez tenhamos deixado para trás, por esquecimento ou escolha, mas que não deveriam ser deixadas. A lista pode começar na área espiritual, passando pela família, pelo trabalho, amigos,

estudos e planos. Nesse ponto está nossa grande luta.

O *notebook* esquecido teve um final feliz, mas nem sempre isso acontece. Quando Jesus contou a parábola das dez virgens, falou das virgens néscias que não tinham azeite suficiente para manter acesas as lâmpadas (Mt 25:8). Elas recorreram às outras virgens, que as aconselharam a ir comprar mais azeite. Jesus concluiu a parábola com a seguinte advertência: “Portanto, vigiem, porque vocês não sabem o dia nem a hora!” (v 13).

Tenha cuidado para não esquecer aquilo que é mais importante. Depois, pode ser tarde. Não deixe para trás a profunda e completa dependência de Deus, a fim de ser pai para seus filhos e marido de sua esposa. Não se esqueça de cultivar a profunda e completa dependência de Deus para exercer o ministério que o Senhor lhe designou, para ser “sal da Terra” e “luz do mundo”. Sim, profunda e completa dependência de Deus para enfrentar os desafios desta vida sem tirar os olhos da vida eterna. ▀

Não se esqueça da completa dependência de Deus, a fim de ser pai, esposo e pastor eficiente



EVANGELISMO INTEGRADO 2013

- 1** **Treinamento Via Satélite para a Semana Santa – 23 de fevereiro**
Participe do treinamento para todos os pastores, líderes de igreja e líderes de Pequenos Grupos para o evangelismo de Semana Santa, pela TV Novo Tempo- Canal Executivo. (15h - Horário de Brasília).
- 2** **10 Dias de Oração - 10 Horas de Jejum e Oração – 28 de fevereiro a 9 de março**
Busca pelo Espírito Santo - Reavivamento e Reforma.
- 3** **Amigos de Esperança – 23 de março**
Cada membro levando um amigo de esperança para uma programação especial na igreja e, na sequência, para tomar uma refeição na sua casa.
- 4** **Semana Santa – 24 a 31 de março**
De domingo a quinta-feira, a Semana Santa ocorrerá nos lares e Pequenos Grupos, e de sexta-feira a domingo, nas igrejas.
- 5** **Impacto Esperança – 20 de abril**
Distribuição do livro A Grande Esperança ou do DVD A Última Esperança.
- 6** **Evangelismo Web – 13 a 16 de agosto – www.esperanca.com.br**
- 7** **Evangelismo Via Satélite – 16 a 23 de novembro**
Orador: Pr. Luis Gonçalves. O evangelismo será transmitido de um Pequeno Grupo para milhares de Pequenos Grupos. Transmissão TV Novo Tempo, Canal Executivo, www.esperanca.com.br.